

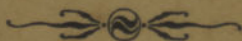
COLECÇÃO "PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,, II

JOÃO ANTUNES

O HIPNOTISMO
E A
SUGESTÃO

"A HIPNOLOGIA ARTIFICIAL,,

(Historia e critica, teorias e processos da Hipnologia Artificial)



LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
20, Praça dos Restauradores, 20

1912

O HIPNOTISMO E A SUGESTÃO

“A HIPNOLOGIA ARTIFICIAL”

* Composto e impresso na

* TIPOGRAFIA SANTOS *

62, Rua das Flores, 64—Pôrto

Colecção

“PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,,

A colecção «Psicologia Experimental» tem por fim a vulgarização dos dados actuais das sciencias de observação no ramo momentoso da Psicologia. Vultos de primeira grandeza se têm notabilizado nestes estudos transcendentais e interessantes, William Crookes, Zælnner, C. Flammarion, C. Lombroso, Aksakoff, Perty, Minot Savage, etc., lançando o seu contributo de luz sobre uma fenomenologia obnubilada pelo mistério. A hipnologia e a magnetologia integraram nos seus limites, definidos á luz clara do experimentalismo, a grande maioria dos factos considerados hermetistas, por inexplicaveis. As sciencias denominadas ocultas começam a despir-se dos seus atavios misteriosos e a estudar-se em face do rigido positivismo da observação immediata e concreta.

A presente colecção, feita no intuito generoso e util, de espalhar ideias e vulgarizar conhecimentos, publicará as principais obras contemporaneas de psicologia.

O EDITOR.

COLECCÃO "PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,, II

JOÃO ANTUNES

O HIPNOTISMO

E A

SUGESTÃO

"A HIPNOLOGIA ARTIFICIAL,,

(Historia e critica, teorias e processos da Hipnologia Artificial)



RC
10x5
159.9
ANT

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA

20, Praça dos Restauradores, 20

1912

Colecção "PSICOLOGIA EXPERIMENTAL,"

VOLUMES PUBLICADOS:

I A Psicologia Experimental

Estudo sintético das virtualidades do psiquismo humano e suas formas operatorias. Notas de propedeutica filosofica.

II O Hipnotismo e a Sugestão (1.^a Parte)

Historia da Hipnologia Artificial. Teoria. Factos. Processos e perigos. Opiniões e pratica dos principais operadores.

NO PRÉLO:

III O Hipnotismo e a Sugestão (2.^a Parte)

Historia do transcendentalismo operatorio. A acção a distancia. A exteriorização da motricidade e da sensibilidade; a transmissão do pensamento, a transferencia de sensações. A polarização e despolarização psíquicas. O desdobramento de personalidade. Processos operatorios, e teorias modernas.

IV O Magnetismo

A hipnologia e a magnetologia através das idades. Historia. Curso pratico e síntese das teorias e processos dos principais mestres antigos e contemporaneos.

V O Espiritismo

Historia e critica do facto espirita. O Alto-Espiritismo. Teorias, documentos e factos. O transcendental na Sciencia.

VI As Sciencias Malditas

A Magia através dos seculos. Os processos por feitiçaria. As viti-mas. A demonologia. A Alquimia. A Astrologia. A Magia negra.

VII O Ocultismo

Historia do Hermetismo antigo e contemporaneo. A Filosofia oculta e os seus principais propugnadores. Notas de critica scientifica.

VIII A Teosofia

As infiltrações do Budismo filosofico. A obra de Sophie Blavatsky, Annie Wood, Sinet, etc. O tradicionalismo esoterico do Ocidente e do Oriente.

IX A Psicoterapia

A magnetologia aplicada. Os limites da hetero e da auto-sugestão. A terapeutica sugestiva.

X As Sciencias transcendentais através da historia

Estudo analitico dos periodos principais da Historia da Filosofia em suas relações com os fenomenos transcendentis. Conclusões concretas. Os principios e os destinos humanos.

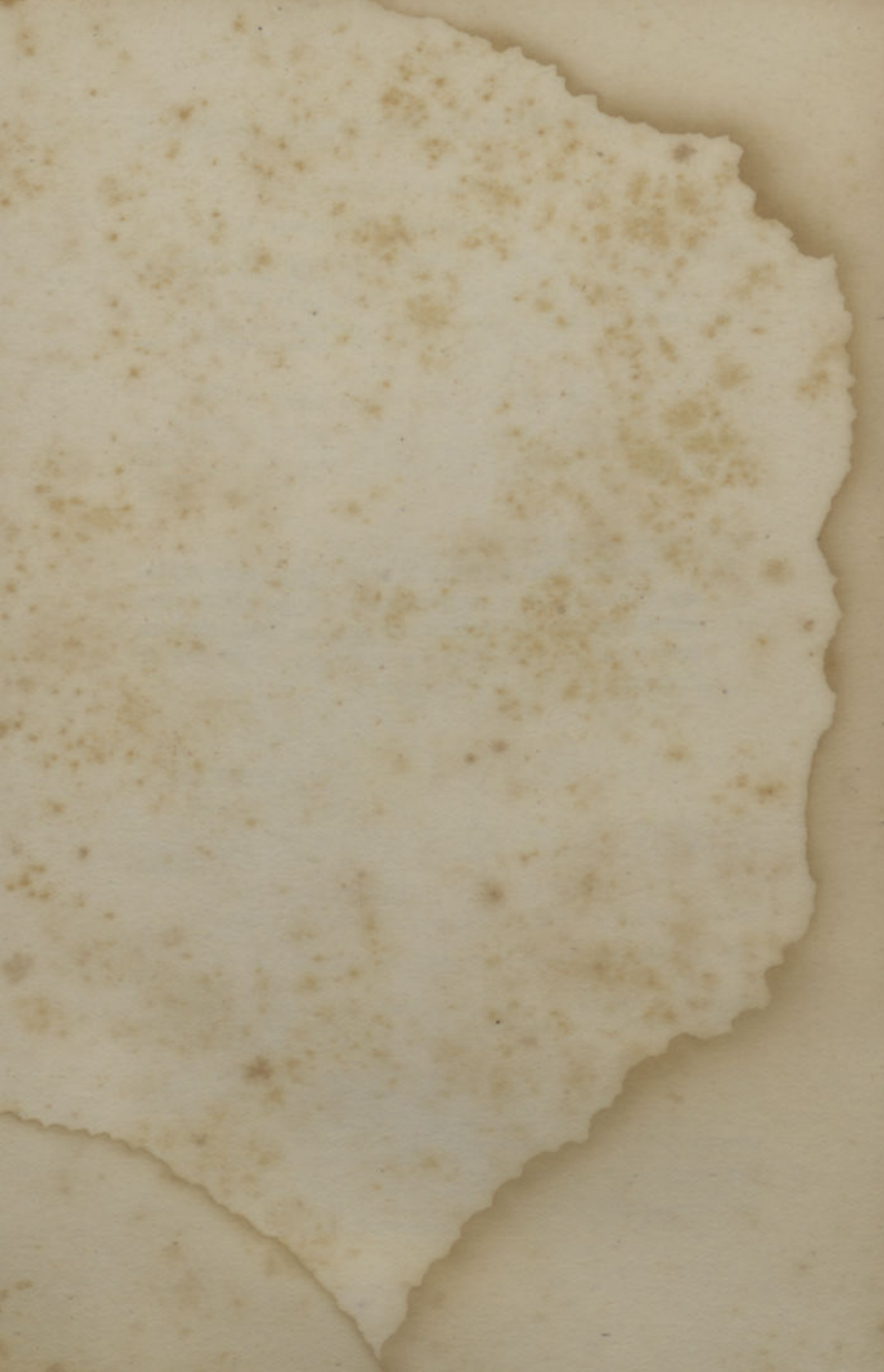
Os titulos dos volumes da primeira série da presente colecção, que umas simples notas elucidam, deixam entrever o alcance e o interesse scientifico de todos os ramos da psicologia experimental.

As obras anunciadas serão rigorosamente estudos sinteticos, abrangendo os principais trabalhos, que até o presente se têm publicado, conglobando todas as teorias e opiniões.

A primeira série, portanto, de volumes mutuamente e absolutamente independentes, será um tratado completo de todas as sciencias transcendentais, apoiadas na constatação rigorosa dos factos e dispostas sob o *contrôle* dum criterio rigorosamente positivo.

« Dans l'état actuel de la science et avec les méthodes existantes de experimentation nier les phénomènes extraordinaires de l'hypnotisme moderne, douter encore que chacun peut les obtenir et les étudier n'est plus de l'incrédulité, c'est de l'ignorance. »

DR. LIÉBENGEN.



Através da Historia



Muitos dos modernos tratadistas da Hipnologia Artificial vincam as suas obras dum personalismo intransigente.

Debalde o fazem. As práticas hipnoticas resentem-se indelevelmente, pelo menos da psicologia do operador e do paciente.

Muito acintemente prescindimos desse impressionismo dando ao presente tratado o cunho de um estudo sintetico dos processos dos principais operadores.

Desta sorte « A Hipnologia Artificial » é uma sintese documental.

O experimentalismo hipno-magnetico transpoz, de algum modo, o ambito das sociedades sabias. É pois azado o ensejo de, mais uma vez, em fôrma rigorosamente scientifica e clara, concretizar os ensinamentos de mestres de renome mundial.

Quando outro resultado prático não brotasse do conhecimento desta sciencia, sobrelevava a tudo, o facto de, conhecendo-se-lhe os perigos, facilmente se evitarem.

O segundo volume da colecção « Psicologia Ex-

perimental» é publicado sem o dispensavel aparato de grande copia de termos tecnologicos, sem a feição financeira de varios cursos por correspondencia de alguns institutos estrangeiros e com o fim exclusivo de propagar uma sciencia, que abre horizontes vastos ao estudo do psiquismo humano e que se objectiva num campo de acção enorme.

A historia da Hipnologia moderna costuma dividir-se em três grandes periodos :

- a) Mesmer e o Magnetismo, de 1778 a 1841.*
 - b) James Braid e o Hipnotismo, de 1842 a 1874.*
 - c) O Hipno-magnetismo, o sonambulismo e o sugestionismo, de 1875 até nossos dias.*
-

O vastissimo campo das sciencias denominadas transcendentais, mercê do espirito positivista, que caracteriza a mentalidade hodierna tem-se circunscrito ao criterio experimental pela constatação concreta e immediata dos phenomenos, havidos por inexplicaveis.

Esta corrente scientifica, que penetrou, de resto, todos os ramos da filosofia humana produziu um novo criticismo, cuja tendencia basililar consiste na aglomeração dos factos considerados preternaturais, seriando-os hierarquicamente e deduzindo a lei genetica primordial, donde promanam.

E com este criterio explicativo a sciencia actual eviscerou a consciencia humana e a historia psicologica da humanidade nas suas abundantes manifestações transcendentais e quer desmembrando pela analise quer construindo pela sintese a sciencia contemporanea tenta desvendar, apresentando-o sob um novo aspecto, o magno problema da consciencia humana.

O contributo da hipnologia foi sobremaneira ponderoso na informação deste novo criterio explicativo.

Os phenomenos transcendentais, que penetram e definem uma boa parte da antiguidade classica e da historia religiosa das raças, explicam-se, muitos deles, á luz do novo criticismo scientifico.

As sciencias em via de construção teem um caracter acentuadamente demolidor, nem sempre em harmonia com a objectividade dos factos.

E assim o profetismo em Israel ⁽¹⁾, a feição ocultista dos velhos cultos iniciaticos ⁽²⁾, os phenomenos telepaticos de todas as idades ⁽³⁾, os factos transcendentais da agiologia ⁽⁴⁾, a propria biologia do espirito ⁽⁵⁾, começaram a ser

(1) *V. O Hipnotismo.* Dr. Manuel Anaquim.

(2) *Histoire de la Magie.* Elifas Levi.

(3) *L'Ocultisme Experimental.* Jean Filiatre.

(4) *Histerie et Sainteté.* Dr. H. Lavrand. *La Suggestion et les Guérisons de Lourdes.* Lavrand.

(5) *Hypnotisme et Spiritisme.* C. Lombroso.

É precisamente na agiografia que se encontram os phenomenos culminantes do sobrenatural na historia da humanidade.

Apesar da critica demolidora quase sempre eivada dum subjectivismo tenaz os santos continuam perpassando aureolados na consciencia dos crentes duma luz suave, dum perfume bemdito.

definidos e explicados com uma nova feição experimental, onde por vezes a logica nem de todo era posta de parte.

A hipnologia e a magnetologia reivindicam para a sua criteriologia e ambito analitico todos esses factos preter ou sobrenaturais, reproduzindo-os por vezes e tentando explica-los sempre.

Mas a filosofia negativista persiste em entroncar o misticismo na patologia da histeria. Ha um pseudo-misticismo que se enquadra perfeitamente na categoria das nevroses. Outro, não. O Dr. Lavrand, da faculdade livre de Lille (*Histérie et Sainteté*), profliga os argumentos demolidores dos que veem histerismo na vida dos santos.

O facto da estigmatização tem sido tentado por vezes com exito pela hetero-sugestão; d'aí o considerarem fruto duma possivel auto-sugestão a estigmatização dos santos. O Dr. Imbert-Gourbeyre, ex-prof. de medicina em Clermont (*L'Hypnotisme et la Stigmatization*), nega a possibilidade da estigmatização hipnotica e o Dr. Charles Helot (*Le Diable dans l'Hypnotisme*) vê o diabo em todo o hipnotismo.

O Dr. Henri Durville (*Le Fantôme des vivants*) tem constatado em interessantissimas experiencias o desdobraimento consciente ou provocado da personalidade, produzindo o fantasma visivel e agente. D'aí a explicação naturalista aposta aos desdobramentos agiológicos.

O odor de santidade em vida ou na morte tem sido um fenomeno indiscutivelmente certo. Na vida de Santa

O desdobramento de personalidade e a hematidrose, a dupla-vista e a transmissão do pensamento, a exteriorização da motricidade e da sensibilidade e tantissimos fenomenos de ordem transcendente reproduzem-se com um sujet de longo treino.

O espiritismo, em qualquer das suas multiplas manifestações recorda-nos o alto experimentalismo hipnologico.

Lidwina de Schiedam, Joris Karl Huissmans, um dos celebres discipulos de Emile Zola, descreve esse fenomeno com uma hipotipose palpitante.

Mas o Dr. Georges Dumas, prof. na Sorbonne (*Revue de Paris. 1 Dez. 1907*), e outros no seu encalço, descobriram que o caso podia ter explicação natural e, confundindo doentes com normais, reduzem esses fenomenos a simples sintomas patologicos.

O Dr. Graves constatou em 1832 que um seu cliente alcoolico em crise de *delirium tremens* exalava um odor pronunciado e fortissimo a musgo.

O Dr. Speranza (comunicando á Academia de Ciencias de Turim, 1832) afirmava que um seu doente exalava do ante-braço um forte perfume de benjoim e balsamo peruano.

Em 1873, o Dr. Frigerio observou loucos que tinham um cheiro tenaz de musgo. Um outro em crises de corêa cheirava a ananaz.

O Dr. Dumas tentou explicar semelhantemente o odor de santidade. Para ele, era um transparente sintoma patologico.

Posto isto não admira que o hipnotismo e sciencias correlativas estivessem sempre numa discussão intensa.

O campo experimental, que abraça é indeterminado, vai desde a simples experiencia da mutua influencia dinamica dos seres até a reprodução de altos fenomenos transcendentos, vai desde a experiencia banal ao efeito terapeutico e ao constatar-se a intima conexão tanto na teoria explicativa como na fórmula operato-

Por ex.: Os biografos de S. Teresa de Jesus afirmam concordemente que do seu corpo brotava um fragrante odor a violeta.

O Dr. Dumas diagnosticou: Santa Teresa era uma diabetica.

A terebentina tem a particularidade de dar á urina o tom perfumado a violeta e como S. Catarina de Ricci ingerisse terebentina, o seu odor de santidade foi uma consequencia natural do remedio. A 31 de janeiro de 1590 tomou 5 pilulas e morreu na noite de 1 para 2 de Fevereiro.

O Dr. Dumas diagnosticou: «Ce qui est plus vraisemblable, c'est qu'elle souffrait d'une simple retention vesicale, de nature spasmodique, survenue pendant sa crise de douleurs, et que cette retention (tivera uma retenção de urina no dizer do biografo Guidi) ayant cessé pendant l'agonie grâce au relachement habituel du sphincter, le parfum de violette se degagea soudain du liquide qui se repandait dans le lit... Autour de Catherine de Ricci on ne parait pas avoir soupçonné ces effets de la térébentine!»

ria, tanto nos efeitos fisiologicos como nos factores psicologicos dos criterios antigo e moderno deduz-se que o proprio hipnotismo sob outros nomes é antigo como a historia da propria humanidade (1).

É impossivel descrever, ainda a largos traços, a historia da hipnologia artificial sem a entroncar na historia do mesmerismo; mesmo entre a hipnologia e a magnetologia ha tantos pontos de contacto que, por vezes, ambos os ramos scientificos perfeitamente se confundem.

Frederico Antonio Mesmer nasceu em Stzmang, na Suabia em 1734. A tese da sua formatura em medicina numa universidade de Viena intitulava-se *De planetarum influxu.* (2)

Era o inicio de uma serie de obras em que defendia a sua teoria, do que ele chamára pela vez primeira, *o magnetismo animal.*

Os principios scientificos apresentados não eram novos. A mesma mentalidade scientifica propugnada por *Mesmer* tivera um predecessor

(1) V. art. *Hypnotisme. Mesmer* no Dic. Larousse. *Le Hypnotisme et le Spiritisme.* Dr. Lapponi.

(2) A tese de formatura de F. A. Mesmer estava tão inçada de subjectivismos e de ideias anacronicas que o dr. Fouveau de Courmelles não duvidou afirmar que a mentalidade do jurí que o aprovou era deficiente ou compartilhava o mesmo género de opiniões.

no P.^o Hell ⁽¹⁾. A base dinamica da unidade cosmica do Universo é a energia que faz evoluir os mundos, os solidariza no mesmo progresso, penetrando os planetas, as plantas e o homem.

Essa energia (magnetismo terrestre) pode ser dominada e dirigida pelo homem no qual se modaliza de fôrma especial (magnetismo animal). As doenças são um desequilíbrio, uma falta de energia magnetica. Para restaurar esse equilibrio ha varios processos operatorios. Em ultima analise o mesmerismo sintetiza-se nesta duplice afirmação. ⁽²⁾

Mesmer teve o seu periodo de triunfo não tardando a ser acoimado de charlatão por homens da envergadura scientifica de Ingenhousz.

Mas o mesmerismo progrediu, apesar de todos os embates e da feição secreta que o seu autor lhe dera fundando as celebres «*Sociedades de Harmonia*», que atingiram em toda a França 24 Lojas, onde se filiaram homens de valor incontestavel.

⁽¹⁾ Mesmer negou as reivindicações de Hell afirmando a existencia de duas ordens de fenomenos originados pelo magnetismo terrestre (os do P.^o Hell) e pelo *magnetismo animal*, que ele descobrira e qualificára.

⁽²⁾ Os mediuns curadores atribuem-se a faculdade de normalizar essa energia nos individuos doentes. A *Revue Scientifique de Spiritisme et de Morale*, 1911, estuda alguns desses individuos, referindo-se ao medium português Eduardo Silva.

O marquês de *Puysegur*, um místico, que defendia o magnetismo como uma religião baseada na fé e na caridade seguira-se ao autor.

E depois, *Deleuze*, *Du Potet*, *Van Helmont*, *Lafontaine*, *Patet*, *Robert*, *Offinger* e tantos outros seguiram os ditames de *Mesmer*. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ As obras em que Mesmer defendeu o seu sistema são as seguintes: *Lettre a un medecin etranger sur la cure magnetique* (1775), *Memoire sur la decouverte du magnetisme animal* (1779), *Precis historique des faits relatifs au mag. animal* (1781), *Dissertation sur la decouverte du mag. à Paris* (1781), *Lettre sur le fait relatif à la decouverte du mag.* (1782), *Discours sur le mag. et les effets salutaires de l'aimant* (1782), *Histoire abregée du mag. animal* (1783), *Lettre a Mr. Vicq-d'Azyr, etc.* (1784), *Lettre dun medecin de Paris a un de province* (1784), *Memoire de Mesmer sur ses decouvertes* (1789), *Mesmerismus* (1885).

Os inimigos e os defensores do mesmerismo surgiram de todos os lados fazendo com que Mesmer, avido de fama e de influencia conquistasse uma fortuna.

A Sociedade Rial de Medicina era todavia de parecer que «o magnetismo era um sistema antigo, levantado no seculo anterior e sepultado no esquecimento, que era absolutamente destituído de provas, e que todos os seus efeitos terapeuticos se deviam á imaginação e á imitação; que eram mais nocivos que uteis e até perigosos porque podiam fazer contrair a pessoas bem constituídas habitos espasmodicos prejudicialissimos».

Bailly, dias antes fizera um relatorio secreto, bem mais cominatorio.

O relatorio de Husson (28 de junho de 1831) apresentado á Academia de Paris, constando de 30 conclusões era todavia bem diferente.

Foi precisamente assistindo a uma sessão de magnetismo de *Lafontaine* que *James Braid*, discordou pela primeira vez das teorias mesmericas.

Para *Braid*, o sono chamado magnetico, era uma nevrose passageira produzida no paciente pelo cansaço dos centros neuro-opticos motivado pela fixidês do olhar. As suas teorias definitivamente assentes na *Neurhypnologie* determinaram a scisão do *hipnotismo*, cujo nome inventou. De resto o proprio hipnotismo praticado na mais remota antiguidade na Assiria, Babilonia, Persia, Egipto, Grecia, Roma, India e ainda hoje nas raças persistentemente conservadoras e tradicionalistas como pelos faquires omfalopsiquistas na India era evidentemente coisa antiga.

Posteriormente o dr. *Charcot* fundou na Salpêtriére uma clinica hipnologica em discordancia com a escola de Nancy na questão da sugestibilidade.

A terapeutica suggestiva foi por sua vez introduzida por *Dumontpalier* na Pitié e por *Luys* na Charité, applicando as coroas-imans e o espeelho rotativo e o dr. *Esdaille*, medico do hospital mesmerico de Calcutá notabilizou-se pelo prodigioso numero de anestесias hipnoticas, que provocou.

O metodo do dr. *Durand de Gross* difere em parte do de *Braid*. Em vez dum ponto lu-

minoso a fixar empregava um simples disco de zinco com um prego de cobre ao centro. Ao fim de quinze a vinte minutos adormeciam alguns dos pacientes num estado a que chamava «hipotaxico» ou de submissão, seguindo-se-lhe o «ideoplastico» ou de sugestibilidade. As teorias de *Durand de Gross* constituem a «eletrobiologia».

Todavia o braidismo em qualquer das suas fórmulas é profligado por muitos autores. A fixação persistente dum ponto luminoso, fixo ou oscilante, suspende completamente as dilatações e contracções dos olhos impedindo a circulação da força nervosa, resultando uma profunda diminuição da sensibilidade cerebral. As funções sensitivas são quase inteiramente suspensas e o hipnotizado perde por completo a sensação da personalidade propria. (4)

(4) Jean Filiatre (*Hypnotisme et Magnetisme*) cita grande numero de medicos distintos que defenderam, praticaram ou versaram o Hipnotismo.

O portuguez que mais se notabilizou no estudo pratico da hipnologia foi José Custodio de Faria, natural de Candolim (Gôa) sendo a sua obra principal: «*Da causa do sono lucido ou estudo da natureza do homem pelo P.^o Faria, bramane, doutor em Teologia, etc. Paris 1819.*» E' o verdadeiro criador do suggestionismo. A vida agitada deste homem foi extremamente complexa. Em 1780 graduou-se em Roma. Em 1788 fugiu de Portugal para Fran-

No entanto é a fôrma empregada de ordinario pelos hipnotizadores teatraes por ser a mais propria para as suas exhibições por vezes violentas e nem sempre licitas.

No simples experimentalismo antigo e contemporaneo confundiam-se o magnetismo e o hipnotismo, quase sempre a accção no mundo neurico tem sido, nã o menos, universal. Nos vetustos monumentos do antigo Egipto, nos documentos hieraticos de caracteres cuneiformes o modus-operandi é sempre igual e os phenomenos transcendentais das pitonisas com todo o seu empolgante aparato scenico eram produzidas sob uma forma vulgar de hipnose.

ça por se ter envolvido, num movimento revolucionario da India.

Esteve em Paris no momento mais palpitante e intenso da Revolução francêsa onde como um fogoso terrorista comandou uma das secções que no 10 vindimario marcharam sobre a Convenção sendo metralhadas a 13 pelo exercito de Napoleão. Alexandre Dumas romantizou-lhe a vida. O seu processo de adormecimento era facil. A simples imposição da ideia de sono ao paciente pela palavra: «Dorme!» mergulhava-o no que ele chamava *sono lucido*.

Alem, dos drs. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, Hipolito Francisco Alvares, José Lacerda, o dr. Montalverne de Sequeira (*Hipnotismo e Sugestão*) cita nomes de clinicos que praticaram a hipnose com fins terapeuticos.

A propria literatura antiga fornece-nos argumentos de valor incontestavel.

Homero aceita a influencia curativa da imposição das mãos (*Iliada*), *Plinio* reconhece as curas pela emissão dum fluido (*Hist. Nat.* VII), *Pausanias* fala do auto-hipnotismo e semelhantemente *Virgilio* (*Eneida*).

Alexandre de Tralles (sec. VII) afirma que tanto a imaginação do enfermo como a vontade forte do medico podem concorrer para a cura dum doente.

Avicena, um dos maiores sabios do seu tempo e um dos primaciais cultores da filosofia arabe (*De natura* I. 6), reconhece a acção malfica ou benefica de um homem sobre outro e assentem semelhantemente varios teologos de nome, antigos e modernos, como *S. Af. M. de Ligorio*, os *Salmaticenses*, *Genicot*, *Berardi*, etc. *Avicena* aceita ainda a possibilidade da acção a distancia e aconselha a *relação* hoje tão defendida pelos defensores das teorias magneticas.

S. Tomas de Aquino diz: «que toda a ideia concebida na alma é uma ordem á qual obedece o organismo; assim pois a influencia do espirito pode produzir no corpo um calor mui forte ou o frio; pode engendrar ou curar a enfermidade». (Cf. *Summa* P. I. q. 117. art. 3. ad. 2).

Do seculo XIV em diante as teorias magne-

ticas revivem sob um aspecto nitidamente científico.

Rogério Bacon (1214-1294), o precursor da escola positivista, afirma o grande valor terapeutico da hetero e da auto-sugestão.

Marcelo Ficino (1433-1499) professor de Filosofia em Florença é de igual sentir.

O celebre filosofo *Pomponacio* afirma as mutuas relações magneticas de homem para homem. «Ha individuos, diz ele, que possuem propriedades salutarees e poderosas. Essas forças emitem-se pela força da imaginação e do desejo e produzem efeitos notaveis nos corpos, que as recebem.»

Claudio Cornelio Agripa, *Paracelso* e outros basearam nestas teorias todas as suas operações e obras de filosofia oculta.

A *magnetica virtus microcosmica* do medico *Roberto Flud* (1574-1637) era o mesmerismo, entroncado em principios astrologicos. *Hircher* tem opiniões identicas, *Robert Bryle*, fundador da Sociedade Rial de Londres, fisico e matematico insigne admite a existencia de um fluido geral, meio psicologico de influencia mutua.

Estas opiniões concordes, que são de resto a corrente contínua de tradições antigas, vinculam intensamente as teorias modernas da hipno-magnetologia e da terapeutica racional, simplesmente as teorias se concretizam em processos despidos do antigo aparato empirico.

As teorias da polarização do fluido humano que *Reichembach* (4) provou, deram lugar á aplicação consciente dos passes e ás teorias vitopáticas de *Tomas F. Adkin*.

Os passes podem ser longitudinais e transversais. Os primeiros executam-se lentamente a dois ou tres centímetros da pele, de mãos abertas e os dedos levemente inclinados para dentro e tem por fim o entorpecimento e consequente adormecimento do sujet. Executados rapidamente estes passes exercem uma acção estimulante. Em exercicio terapeutico os dedos devem sacudir-se no fim de cada passe conservando as mãos fechadas durante os intervalos.

(4) Nos seus estudos de polarização do dinamismo humano, feitos em centenares de experiencias o Dr. Reichembach constatou que de cem pessoas, cincoenta veem sensivelmente as radiações humanas, operando na camara escura e nas devidas condições. Reconhece que o corpo humano tem dois eixos de radiação. O lado direito, a ponta dos dedos da mão direita, a metade direita do cerebro apresentam uma irradiação azulada, o lado esquerdo, a ponta dos dedos da mão esquerda, a metade esquerda do cerebro uma irradiação amarela. O corpo é mais azul para cimá e amarelo para baixo. Nas doenças predominam os raios amarelos e nas lesões graves ha um tom pronunciado de verde.

O coronel de Rochas e o Dr. Henri Durville teem constatado ultimamente os mesmos fenomenos.

Os segundos despertam o sujet. Ao adormece-lo os passes devem fazer-se de cima para baixo, da frente aos joelhos e inversamente no caso contrario.

A mão direita do operador colocada na frente ou no lado direito do sujet opera contracções, excitações e sono, colocada na nuca ou no lado esquerdo acalma e desperta.

A mão esquerda opera inversamente. Estes processos baseiam-se na homonomia e na heteronomia da polarização, amplamente explicadas e defendidas pelo *Dr. Hector Durville*, ⁽¹⁾ do Instituto Magnetico da França.

O sopro tambem tem uma influencia definida. Frio desperta sendo aplicado na frente e adormece na nuca. O sopro quente age inversamente.

Os dois sistemas conjuntos produzindo a hipno-magnetologia, sintetizando as teorias tradicionais e comprovados pelos dados recentes da sciencia experimental são os vulgarmente seguidos pelos melhores operadores modernos.

Empregaram-no os drs. *Durand de Gross*, *Liebault*, *Berillon*, *Voisin*, *Widner*, *Moutin*, etc. na pedagogia dominando perversões infantis, os drs. *Dumontpallier* e *Mesmer*, de Paris, *Pritz*, de Viena, etc. em parturientes e na grande

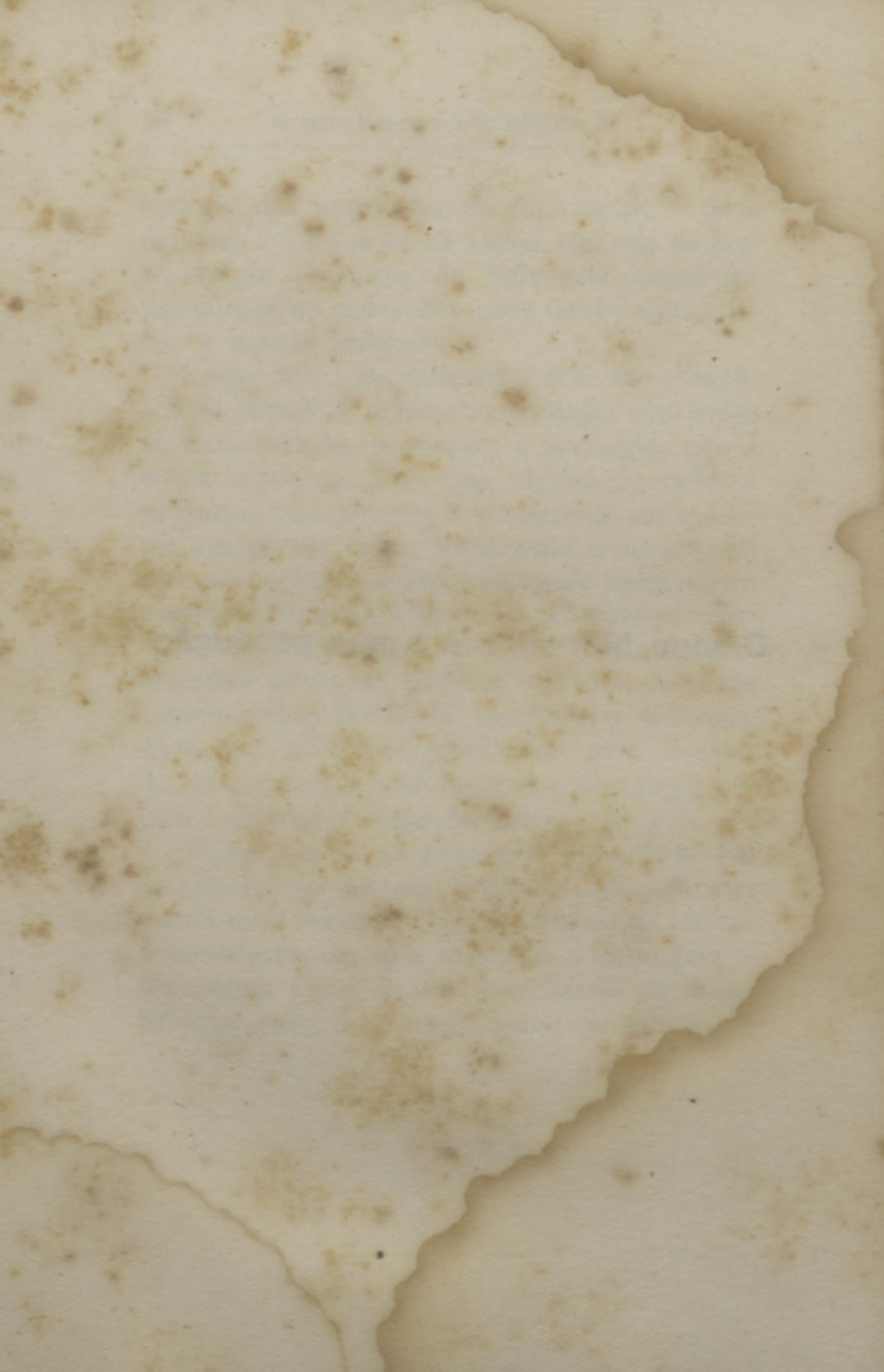
(1) V. Colecção de terapeutica magnetica : *Pour combattre*. (Henry Durville, etc.)

maioria das aplicações do hipnotismo á terapeutica, á destruição de vícios, etc. não se prescinde do concurso da influencia magnetica por tornar as operações mais faceis, mais suaves e menos perigosas.

Posto isto uma afirmação concreta e explicita se impõe. A hipno-magnetologia com todas as suas teorias, processos e aplicações não é cousa moderna. Isso que alguns operadores pensaram descobrir era conhecimento antiquissimo em outras raças. No entanto o hipnotismo tem seus perigos sendo empregado insciente ou inconscientemente e presta-se a abusos inqualificaveis. Mais uma razão para o estudar premunindo assim as pessoas incautas. As suas consequencias beneficas são todavia enormes. Abre um horizonte vastissimo para o estudo da psicologia experimental e no campo clinico é de efeitos surpreêdentes.

Vejamos pois os processos hipnoticos dos principais operadores traçando subsequente-mente num reassunto claro a sintese de teorias e consequencias, que explicam e abrangem a hipnologia experimental sintetizando as obras principais dos mais classificados operadores.

O sono hipnotico e a sua produção



É opinião corrente entre os principais hipnologos que todos os individuos são mais ou menos redutíveis ao sono lucido.

Um operador dotado dum perfeito conhecimento do hipnotismo e de todas as suas fases realizáveis e definidas, tendo um treino evoluído e forte do *olhar*, do *gesto* e da *palavra*, ⁽¹⁾ sabendo-se dominar e sabendo dominar póde influenciar a maioria das pessoas.

⁽¹⁾ Donato (*Cours Pratique d'Hypno.*), Turnbull (*Le Magn. pers.*) William Walker Atkinson (*La force-pensé*) apresentam diferentes processos para o desenvolvimento do olhar hipnotico. O mais simples consiste em fazer um sinal a lapis na raiz do nariz, entre os olhos e fixa-lo num espelho persistentemente.

Ao fim de um variavel numero de exercicios adquirir-se ha um dominio perfeito do olhar.

A precisão do gesto e da palavra adquire-se fazendo passes e falando perante uma pessoa imaginaria. O exemplo de um bom operador e a prática são todavia os melhores processos.

No entanto um bom *sujet* é sempre um «sensitivo á acção do fluido humano».

Paul Jagot sintetiza as principais características classicas, que devem predominar nesta classe de individuos.

Define-os uma simpatia exagerada por umas côres, de preferencia a outras.

Indispõem-se pela fixação demorada de um espelho ou de qualquer plano luminoso.

Aborrecem a equitação, o *bruhaha* das multidões, são obsidiados por pressentimentos, por indisposições morais sem causa ocasional.

Teem sensações desagradaveis nas noutes luarentas, excitações facéis por motivos futeis, frequentes e passageiras dores de cabeça.

A questão da normalidade ou anormalidade dos bons *sujets* é ainda vigorosamente debatida actualmente; ⁽¹⁾ parece todavia, não restar duvida, que todo o individuo que benevolmente se disponha ás sugestões dum bom operador é sempre influenciavel.

(1) Para o coronel de Rochas, dr. Maxwell, dr. Michaud, e outros, todo o individuo normal é hipnotizavel, o dr. Bonnaymé tem encontrado nos histericos a grande maioria dos seus *sujets*, o dr. Geraud Bonnet diz que a grande maioria dos sensitivos são normais. *A Revue du Psychisme Experimental*, 1911, abriu um inquerito sobre a normalidade ou anormalidade dos *sujets* prevalecendo como opinião unanime que sendo os histericos mais predispostos, todos os individuos são hipnotizaveis.

Esta influencia póde produzir-se por meios brandos e demorados (sugestionismo, etc.) e por meios violentos e rapidos (braidismo, etc.)

O braidismo iniciou os aparelhos de fixação e outros, o proprio *Braid* operava o sono lúcido cançando os centros neuro-opticos, pela fixação demorada de um objecto luminoso, obrigando os olhos do paciente a uma fixação incomoda.

Este processo é, afinal, antigo. Os monges de Athos, olhando persistentemente o proprio umbigo, a seita egipciaca de Mandeb, os faquires indianos, etc. não fazem outra cousa. Nestes casos, a pupila dos olhos, contrai-se para logo se dilatar, as palpebras caem sucessiva ou suavemente e o individuo entra em sono hipnotico. (1)

(1) De Donato se conta que fôra desafiado um dia por Clovis Hugues, durante uma conferencia feita em Paris, para o influenciar. Donato acedeu e apenas Clovis deixou prender o olhar foi obrigado a ajoelhar-se ficando impossibilitado de se erguer apesar dos seus esforços desesperadores.

Os meios mecanicos para a produção do sono artificial são inumeros. Os mais modernos são as bolas hipnoticas de Fournier, de Le Sage e o espelho rotativo do mesmo autor. Teem-se empregado os sensitivometros, os hipnoscopios, as coroas-imans, as lampadas de magnesium e de luz oxidrica, os diapasesões, gongs, tam-



Alem destas excitações visuais ha as auditivas, olfativas, gustativas e tacteis de realização facil em nevrosados histericos.

As excitações fortes consistem na convergencia rapida dum feixe de luz intensa sobre os olhos do paciente, no ruido forte dum gong etc., operando o estado cataleptico.

A hipnose por sugestão produz-se actuando suave e gradualmente na imaginação duma pessoa impressionavel convencendo-a de que em determinado momento adormecerá.

*

* *

A hipnose parcial

Os melhores e mais recentes tratadistas, ensinando a produção do sono hipno-magnetico, aconselham as experiencias preparatorias e pre-disponentes em estado de vigilia.

Um bom operador deve estar consciente do

tams, etc. Estes aparelhos tornam-se por vezes, de emprego prejudicial não sendo nenhum indispensavel.

O sensitivometro do Dr. Henri Durville serve sobretudo para calcular as predisposições magneticas dos su-jets; é um simi-circulo de ferro magnetizado, que se applica aos pulsos. O individuo contrairá o braço com rapidês proporcional ao seu grau de sensitividade.

seu predomínio psiquico e conhecedor da hipnologia em qualquer das suas manifestações.

Imaginemos que uma experiencia se realiza na pessoa de varios individuos. Antes de tudo é preferivel escolher os mais sensiveis. Para isso coloquem-se todos em linha recta pedindo-lhes que, hirtos, de musculos perfeitamente abandonados, fixem sucessivamente os olhos do operador.

A distancia conveniente e de frente, olhará cada um de per si, uns quinze ou vinte segundos, fixando-os na raiz do nariz e pensando fortemente: «Estou-vos influenciando. Não podeis resistir á acção da minha força.»

É facil reconhecer os mais sensiveis á influencia hipno-magnetica. São os que se não riem, empalidecem, sentem a acção perturbadora do vosso olhar.

Se fordes o operador, caminhai firmemente para um desses. Mandai-o fechar os olhos, e que se abandone completamente, de braços caídos e a cabeça levemente erguida.

Posto isto colocai-lhe as mãos nas homoplatas, fixando o vosso olhar na base do cranio, *querendo-o* atraír para traz e sugerindo-lhe de fórma convicta e voz pausada: «Quando eu retirar as minhas mãos sentireis uma força que vos atrái... Sentis-vos cair... Estais caindo...»

Para um sujet habitual, bastará, para este e outros casos, a simples sugestão mental e

nesta como em todas as experiencias os *passes*, que sempre ou quase sempre devem acompanhar os processos operatorios do hipnotismo devem ser feitos em harmonia com a sugestão dada e com o efeito a produzir.

Obtida a quéda para traz experimente-se a queda para a frente.

O processo é quase o mesmo. As mãos collocam-se nas clavículas ou nos temporais do sujet. O olhar fixa-se na raiz do nariz com sugestão identica.

Estas experiencias podem variar-se de inumeraveis fórmulas.

Para obrigar um individuo a não mover a cabeça, ensina *Donato*, basta segurar-lhe a base do cranio com o polegar e indicador da mão esquerda, fazendo uma ligeira pressão e dizendo: «Com esta pressão vou paralizar os musculos do vosso pescoço. Ides sentir uma ligeira sensação de calor e em seguida uma frescura agradável. Quando eu retirar a minha mão não podereis mover a cabeça... Proibovos que a movais.»

E o sujet fará esforços sobreumanos para a mover.

Para levantar a sugestão soprai docemente o pescoço do sujet dizendo: «Bem. Acabou. Podeis move-la.»

Paul Jagot ensina uma serie de experiencias em estado de vigilia que transcrevemos porque

são quase concordes os principais processos operatorios dos melhores tratados.

Fórma de ligar as mãos. (Experiencia de contractura muscular para executar nos que cedem ás sugestões de atracção).

O operador deve pedir ao sujet que estenda os braços para diante e que junte as mãos de modo que as palmas se unam e os dedos se cruzem. Fixa-lo ha como na quéda para diante, colocará as suas mãos em volta das do sujet, apertando-as ligeiramente e dizendo de fórma imperiosa: «Começo a ligar solidamente as vossas mãos. E quando eu disser tres, elas estarão completamente unidas, solidamente ligadas, estreitamente serradas e de tal fórma que não podereis separa-las. Experimentareis. Não as podereis separar.»

O olhar do operador não deve abandonar o do sujet, de fórma a cativar toda a sua atenção. As sugestões serão dadas num tom persuasivo de molde a agir sobre a sua imaginação e a subjugar-lhe a consciencia.

Passados quinze segundos de fixação, o operador recuará ligeiramente dizendo: «Estão já unidas as vossas mãos e tornam-se cada vez mais cerradas... Um! dois! tres! Agora sois incapaz de as desligar! Não podereis! Quanto mais experimentardes, pior! Ligar-se hão mais fortemente, etc., etc., de sorte que a vontade e a inteligencia do sujet estejam

momentaneamente na impossibilidade de funcionar.

Se tiverdes varios sujetos não deveis passar adiante sem experimentar em cada um deles as precedentes.

Para fazer desaparecer a contractura das mãos bastará dar ao sujet, sugestões apropriadas; por exemplo: «Agora, quando eu bater com as minhas mãos desligareis as vossas». Olhando-os alguns instantes batei fortemente com uma na outra dizendo: «Bem. Desligai as vossas mãos. Estão completamente livres.»

Todas as experiencias da primeira serie se baseiam no mesmo processo e se obteem de fórmula analoga. Vamos indicar mais tres, que poderão variar a vontade do operador.

Prender as palpebras.—O sujet, de pé ou sentado, fechará os olhos, serrando as palpebras, pouco mais ou menos, como o faz para evitar a poeira impelida por um golpe de vento. O operador segurará com o polegar e indicador a pele entre os dois olhos e levanta-la ha ligeiramente. A outra mão aberta, dedos unidos, coloca-la ha um pouco acima dos olhos interceptando-lhe a luz. Depois dirá num tom calmo e positivo: «Vou ligar-vos os olhos fortemente. Daqui a pouco, as palpebras estarão coladas, serradas e tão bem que as não podeis levantar sem eu consentir; unem-se fortemente e quando eu disser tres, sereis incapaz

de as desunir. Quanto mais experimentardes mais fortemente se colarão. Um! dois! tres! os vossos olhos entram para dentro. Experimentai. Não podeis!... Não podeis!»

Para dissipar a influencia soprai-lhe nos olhos dizendo: «Acabou-se. Abri os olhos. Estais bem!»

Paralisia das pernas.— O sujet estará de pé, calcanhares unidos e musculos das pernas hirtos. O operador colocará um joelho no chão, colocar-lhe ha as mãos nas coxas, fixando-o persistentemente como quando lhe ligou as mãos, dizendo: «As vossas pernas vão-se tornar hirtas... hirtas... rigidas como barras de ferro. Dentro em pouco estarão tão rigidas que as não podereis dobrar sem minha ordem. Continuai a olhar-me... e quando eu disser tres, ser-vos ha impossivel dobrar as vossas pernas que estarão cada vez mais rigidas. Um! dois! tres! Experimentai... impossivel... tendes as vossas pernas como madeiros—não podeis dobrá-las de modo algum...»

Este efeito hipnotico será aniquilado pela afirmação: «Podeis dobrar as vossas pernas melhor do que antes. Estais bem.»

Afonia sugerida.— Esta experiencia exige muita energia na sugestão; será facilmente obtida se as antecedentes o forem. Entretanto com a prática chegar-se ha a produzir desde o principio.

Perguntai ao vosso sujet: « Qual é o vosso apelido? » E apenas ele vo-lo diga, dirigi resolutamente o vosso olhar para o seu dizendo: « Bem. Quando eu disser: sete, sereis incapaz de pronunciar o vosso apelido. Ficar-vos ha preso na garganta. Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete... » Apontai o vosso index na direcção da garganta dizendo: « É-vos completamente impossivel pronuncia-lo. » Repeti esta afirmação duas ou tres vezes.

Esta sugestão desfaz-se por uma simples sugestão contraria.

Para as experiencias seguintes devem-se escolher, de preferencia, individuos sobre os quais se tenham feito com exito as antecedentes.

Atracção invencivel.— O sujet deve estar collocado de pé, em frente do operador na distancia de uns dez metros. O operador deve-lhe dizer: « Olhe bem para os meus olhos. Dentro de alguns segundos irá sentir que o atraio fortemente para mim. Olhe bem para mim. Olhe bem. Insensivelmente o seu corpo pende para diante. Cada vez mais... Dê um passo para não cair. Atraio-vos com mais força. Não podeis resistir... Sois atraído para mim!... » Continuando estas sugestões o operador obterá que o sujet vá até ele.

Fazer-se seguir pelo sujet.— Depois da experiencia precedente apenas o sujet se acercou

do hipnotizador, poder-lhe ha dizer rapidamente: « Os seus olhos, agora, estão vinculados aos meus, não poderá olhar para outra parte senão para os meus olhos. Atraio-o fortemente. Seguir-me ha para toda a parte; a pesar de tudo, eu o atraio... » Caminhai, então, recuando, continuando as sugestões.

Movimentos inconscientes.— Pedi a uma pessoa que feche as mãos pondo os braços em angulo recto e dissei-lhe: « Ande com os braços um em volta do outro, depressa, mais depressa, daqui a pouco andará com eles tão depressa que não poderá parar... Atenção! Um! dois! tres!... Olhe, apesar de tudo os seus braços andam cada vez mais depressa. E não pode parar. Quando quizer... andarão sempre! »

Obrigação a ajoelhar.— Dissei ao sujet que vos olhe como precedentemente e sugeri-lhe: « As suas pernas tornam-se debeis. O seu dorso aumenta de pezo. Sente-se dobrar os seus joelhos e não os poderá levantar sem que eu o autorize. Começa a dobra-los. Dobre-os. Impossivel de resistir. Sente-se cair... Não resista... ».

Em todas as experiencias precedentes, as sugestões devem ser continuadas até que o fenomeno provocado se produza inteiramente. É preciso falar num tom impositivo, acentuando as palavras com gestos correlativos.

*

* * *

A hipnose total

São imensamente variáveis os processos operatorios para a produção da hipnose completa.

Nos exercicios transactos de hipnose parcial era quase simplesmente a auto-sugestão do sujet a base psicologica de todos os fenomenos.

Pelo contrario, na hipnose completa o olhar dominante do operador, o gesto magnetico e a palavra eficiente são com a sugestão a chave de todos os exemplos.

A ideia sugerida ocupa todo o pensamento do sujet amplificando-lhe a imaginação impulsiva, sem o contrôle da inteligencia nem da vontade, que uma continuidade virtual das do operador substituem.

É por isso que o hipnotismo é «um sono sonambulico provocado» (Littré) «no qual uma vontade extranha ao sujet lhe toma a direcção de todas as faculdades» (Guibert).

Os processos para a produção de sono lucido são inumeraveis. O *P.^e Faria* produzia-o com a simples pronunciação imperiosa da palavra: «Durma!», outros recorrem aos passes, alguns simplesmente ao olhar, aos espelhos, outros aos processos combinados. Alguns ainda

operam com um intermediario mecanico e distante.

O sujet, por sua vez, pode já estar predisposto pela hipnose parcial, pode ser um treinado, ou pode nunca ter sido hipnotizado. Alguns sujeitam-se difficilmente, outros são doentes, que requerem cuidados especiais.

Metodo Jagot, Filiatre.

Quando se quere produzir a hipnose completa num individuo que aquiesceu com exito aos exercicios de hipnose parcial, faz-se sentar comodamente. O operador pede-lhe que o fixe nos olhos sugerindo-lhe verbalmente: «Quando eu disser sete, vós dormireis. Vereis como um veu, uma neblina em frente dos vossos olhos; as palpebras far-se hão pesadas, fechar-se hão os olhos e caireis num profundo sono. Começo. Um! Apodera-se de vós o sono... Dois. Sentis o peso das palpebras... Tres. Vão-se-vos fechar os olhos. Ides dormir... Quatro. Fechai os olhos. Dormi... Cinco. Sono. Sono. Sono profundo. Seis. Não ouvis senão a minha voz... Sete. Dormi. Adormecei profundamente...»

Neste ponto o sujet deverá ter os olhos fechados e estará numa semi-hipnose ou sonolencia, que se deverá tornar mais profunda. Para isso coloque o operador as mãos sobre a cabe-

ça e com os polegares descreva sobre a fronte dois arcos partindo do meio da testa, passando pelas sobrancelhas, e terminando nos parietais. Repete-se este movimento lentamente sugerindo com um tom lento e positivo: «Sono. Sono. Sono profundo... Em cada minuto dormireis mais profundamente. A vossa cabeça pesa-vos. Os olhos estão fechados, cerrados, não os podeis abrir... Tudo é negro em volta de vos. Nada ouvis senão a minha voz... Dormis bem e só quando eu vos mandar despertareis...»

Para constatar se o sujet está realmente adormecido sugeri-lhe: «Agora, é preciso obedecer. Fechai a vossa mão direita. Estendei o braço para a frente. Está forte, rígido, hirtto que nem uma barra de ferro, nada o pode fazer dobrar senão eu...»

Se o braço está, de facto, paralizado poder-se ha concluir que o individuo está mergulhado em sono hipnotico.

Metodo do dr. Charles Richet

«Mando sentar comodamente o paciente na minha frente, depois seguro cada um dos seus polegares nas minhas mãos e aperto-os fortemente de um modo uniforme. Demoro esta operação uns tres ou quatro minutos; em geral, as pessoas nervosas sentem imediatamente uma

especie de peso nos braços, nos cotovelos e sobretudo nos pulsos. Depois faço *passes* com a mão estendida pela cabeça, frente, ombros mas sobretudo nas palpebras. Os *passes* consistem em movimentos uniformes de cima para baixo, diante dos olhos como se, abaixando as mãos, se pudessem fechar as palpebras. No começo das minhas tentativas pensava que era necessario obrigar o paciente a fixar qualquer objecto mas parece-me que é uma complicação inutil. A fixação do olhar terá qualquer influencia mas não é indispensavel.»

Metodo do dr. Bernheim

«Começo por dizer ao paciente que se não trata de nenhuma pratica nociva ou extraordinaria; que a hipnose é um sono que se pode provocar em toda a gente, calmo, benefico e que restabelece o equilibrio do sistema nervoso. Então digo-lhe: *Fixe-me bem e não pense se não em adormecer. Sentirá um peso nas palpebras, uma fadiga nos olhos. Tremem, inundam-se de lagrimas. A vista torna-se-vos confusa. Fecham-se.*

Alguns individuos fecham os olhos e dormem immediatmete. Noutros repito, acentúo e gesticúlo a sugestão. Pouco importa a natureza do gesto. Coloco dois dedos da mão direita diante dos olhos do sujet para que os fixe

ou passo algumas vezes com as minhas mãos diante dos olhos, de alto a baixo, ou convidoo a fixar os meus e forcejo ao mesmo tempo por concentrar toda a sua atenção na ideia de sono. E digo: *«As vossas palpebras fecham-se e não as podeis abrir. Sentis um péso nos braços, nas pernas... já não sentis nada, não vêdes mais nada, é o sono que vem»* e depois num tom imperioso *«Dormi!»*

Muitas vezes basta isto, os olhos fecham-se e o paciente adormece. Se o paciente não fecha os olhos ou os não conserva fechados, a oclusão dos olhos dá então melhor resultado. Depois de dois ou tres minutos de fixação estendendo-lhe as palpebras lenta e suavemente sobre os globulos oculares, fechando-os cada vez mais, progressivamente, imitando o que se produz quando o sono vem naturalmente e mantendo-os fechados continuo a sugestão. *«Tendes as palpebras coladas, não podeis levanta-las. Sentis a necessidade profunda de dormir. Não podeis resistir.»* Baixo gradualmente a voz e repito a injunção *«Dormi»* e é raro que se passem mais de cinco minutos sem que o sono hipnotico se produza.

Metodo de Donato

Donato inicia assim os seus discipulos na pratica do hipnotismo:

«Trata-se de adormecer o vosso primeiro sujet.

Tendes convidado os que foram mais doces ás vossas experiencias de sugestão em estado de vigilia e eles estão naturalmente, um pouco angustiados porque no momento de passarem pela prova definitiva se lembram de certas cousas, que lêram. Não lhes ireis vós fazer algum mal? Sabe-los heis acordar?

Importa pois, nessa primeira sessão, que façais com autoridade uma pequena conferencia explicativa.

Primeiro dir-lhes heis que a hipnose não fará mal senão aos cardiacos, porque provoca uma emoção, que acelera as pulsações do coração. Para as outras doenças a hipnose é salutar, a dor adormece pelo simples fenomeno do sono, os nervos acalmam-se, o sangue circula mais regularmente nas arterias, por isso nada a temer.

Quanto ao despertar, é facilimo. Mesmo admitindo que o hipnotizador não saiba despertar, o sujet despertará forçosamente ao fim de algumas horas como dum sono regular.

Dito isto, fazei sentar comodamente o vosso sujet numa cadeira que não seja muito alta nem muito baixa e recomendai-lhe que não contenha os nervos, que se abandone, que não pense senão em dormir e que vos fixe firmemente nos olhos. Colocai as suas mãos sobre

as vossas ou apertai-vos mutuamente os pulsos.

Sei que estou em contradição com muitos magnetizadores e em particular com *Le Sage*, de New-York, mas eu não quero promulgar leis imutáveis em hipnotismo, porque as não há mas dar aos meus discipulos as mais claras e as menos complicadas instruções, que me serviram a mim proprio. Quando o vosso sujet assim estiver colocado fixar-lhe heis o olhar,— *sem baixar as palpebras.*

É aqui que reside a maior dificuldade.

Não deveis abaixar as palpebras diante do vosso sujet. Se o fizerdes estais perdido como hipnotizador porque lhe confessais a vossa inferioridade. Faz-se mister pois que aprendais a dominar o olhar e nunca vos arrisqueis a adormecer alguém sem estardes certo da fixidez do vosso olhar.

Não recueis perante o obstaculo que de resto é facil de transpor.

Tudo é sport na vida e basta que vos desenvolvais no sport do olhar.

Colocai-vos em frente do vosso espelho, de relógio na mão e fixai a vossa imagem nos olhos; quando sentirdes um ligeiro ardor nelles, quando sentirdes que alguma lagrima está á beira das palpebras, fechai os olhos. Esperai alguns minutos e recomeçai. Constatais que o primeiro ensaio durou quinze segundos. Im-

ponde-vos o *record* e conservai assim os olhos abertos vinte e cinco segundos. Ao fim de oito dias podereis sustentar um olhar durante trez minutos, ao fim dum mez podereis ter os olhos abertos um quarto de hora — um seculo.

Não esqueçais isto. Se perante o vosso sujet sentis que ides fechar os olhos antes que ele adormeça, suspendei a sessão com um pretexto qualquer mas não lhe deis o espectáculo da vossa fraquesa.

Não «vos aborreçais» nunca, tende uma paciência enorme, não temais recomeçar dez vezes, vinte vezes e o successo coroará os vossos esforços.

Quando virdes que o vosso sujet entra na primeira fase do sono, o que reconheceris por um bater de palpebras significativo, abandonai-lhe docemente as mãos sobre os seus joelhos e com os vossos polegares fechai-lhe as palpebras fazendo uma ligeira pressão sobre os globulos oculares.

O sono torna-se então profundo.

Os miopes, obrigados a usar lunetas, não devem experimentar o sono pelo olhar; não tirarão resultado. Podem entretanto produzir o sono por passes e sugestão mas com a condição de tirar o seu aparelho optico, que poderia provocar no sujet um ataque de riso, prejudicial á experiencia. Independente do riso o que destroe a influencia do magnetizador de lunetas

é que através dos vidros o olhar torna-se flácido, a pupila parece estar cercada de vapores e o sujet acaba por ter a impressão de que ele é quem tem o olhar mais forte e dominador.

Metodo do dinamarquês Hansen

Hansen opera de preferencia em individuos, que oferecem todos os caracteres de suggestibilidade. O seu processo é perigoso por ser violento e impressionar bruscamente todo o sistema nervoso. Convida os sujets a descrever um circulo, empara-se bruscamente de um, dobre-lhe a cabeça para traz fixando-o muito de perto e firmemente nos olhos.

Metodo do Dr. Liébault

O *Dr. Liébault* coloca na frente do sujet a mão e abaixando-a lentamente de fórma a fechar-lhe progressivamente os olhos e sugerindo-lhe numa voz cada vez mais baixa e tranquila: «Pense no sono... tem os olhos fatigados... Sente as palpebras pesadas... elas abai-xam-se... Sente os braços, a cabeça pesada... Adormeça... durma profundamente... tem so-

no... durma... durma...» E insiste nestas sugestões até que o sono se produza.

Metodo de Braid

O metodo de *Braid* consiste na fixação de um ponto qualquer, preferivelmente brilhante, a pedra dum anel, uma lapizeira, um disco com um centro luminoso, uma moeda, etc., colocados a uns 15 centímetros da raiz do nariz. Os olhos devem fixar-se no objecto retendo-se no espirito a ideia de sono. Passados alguns minutos as pupilas dilatam-se, as palpebras tremem e caem, o sono sobrevem. Este processo pode ser auxiliado com *passes* partindo da cabeça, passando pelos ombros e braços e findando na extremidade dos dedos.

O *Dr. Liébengen* modificou este metodo da seguinte fórma: Ao lado esquerdo do sujet collocava-lhe a mão direita na cabeça fazendo-lhe fixar a extremidade do seu polegar collocado a alguns centímetros da raiz do nariz.

Metodo de Verbeck, Pickman, Bremaud,
Teste, Bourneville, etc.

O *Dr. Teste* explica assim o seu processo de hipnotização semelhante ao de outros espe-

rimentadores: «Sentai-vos vis-a-vis do vosso sujet. Convidai-o a olhar-vos o mais fixamente que ele puder enquanto que vós persistis com o vosso olhar sobre o d'ele. Alguns profundos suspiros levantar-lhe hão o peito. As palpebras começarão de vibrar, humedecendo-se-lhe os olhos, contrair-se hão algumas vezes, fechando-se por fim ».

O *Dr. Bourneville* junta á fixação do olhar a pressão nos dedos ou em ultimo caso a pressão sobre os globulos oculares.

Metodo de Flower

«Mande-se colocar o individuo em posição confortavel e explique-se-lhe que se deseja que ele adormeça. Depois d'ele se tornar perfeitamente passivo o hipnotizador ordena-lhe que o fixe atentamente. Principie-se então a contar 1, 2, 3, etc..., de fórma vagarosa e monotona. De cada vez que se contar, o sujet deve fechar os olhos abrindó-os no intervalo das contagens.

O hipnotizador poderá continuar a contar até cem, se bem que, se a operação fôr bem feita, o efeito será visível, na maioria dos casos quando se chegar a doze ou quinze. Muitas pessoas não serão capazes de abrir os olhos quando se chegar a 12. Em tais casos o operador deve continuar um pouco mais. Ao con-

tar, o sujet geralmente levantará as palpebras supondo aparentemente que continúa a abrir e a fechar os olhos. Quando o sujet começar a deixar pender a cabeça e se notar que ele está muito sonolento o hipnotizador deve começar a empregar qualquer metodo anteriormente exposto. Façam-se passes sobre o individuo sugerindo-lhe a soniação ».

Metodo do Dr. La Motte Sage

O *Dr. Sage* opéra com a esfera hipnotica. Depois de se sentar comodamente o sujet manda-o fixar a esfera, qualquer ponto brilhante ou os proprios dedos do operador a que se imprime um movimento circular, colocados a certa distancia dos olhos e durante uns cinco minutos. Concomitantemente devem-se fazer sugestões apropriadas em tom lento, monotonico e imperativo.

Quando o sujet estiver em principios duma clara soniação o operador colocará os dedos das mãos nos parietais do sujet unindo os polegares ao centro da testa e imprimindo-lhes um movimento curvilineo pela arcada superciliar retendo quietos os restantes dedos. Entretanto sugerirá: «Durma. Tem sono... Durma profundamente, etc.»

Seguidamente o operador colocará os dedos

da mão esquerda na cabeça do sujet tocando com o polegar na fonte. Os dedos da outra mão coloca-os na outra fonte com o polegar no centro da testa. O polegar da mão direita baixará vagarosamente até o nariz ficando imoveis os restantes, continuando as formulas sugestivas.

Por fim o operador colocará a mão esquerda na cabeça do sujet fazendo-lhe pressão com o polegar na raiz do nariz. As sugestões então devem ser mais eficientes e ditas monotona-mente de fórma que se imponha: «Tem os olhos bem fechados, não os pode abrir... Sente os braços pesados... as mãos imoveis... não se pode mover... Tudo lhe aparece escuro. Durma... Tem sono, muito sono, durma profundamente... Tem a cabeça pesada e os membros pesados como chumbo... Sente a necessidade de dormir... Quando eu contar até tres, ha de entregar-se a um sono profundo... Um! dois! tres! Está a dormir profundamente, não ouve senão a minha palavra... durma bem... Durma...»

Outros processos

O metodo do *dr. Esdaille*. A «Société des Recherches Psychiques» vulgarizou o metodo secreto do celebre cirurgião inglês, director do hospital mesmerico de Calcutá (India).

O *dr. Esdaille* procedia num aposento onde se não ouvisse o menor ruido.

O paciente deitava-se numa *chaise-longue* baixa com a cabeça suavemente encostada a uma almofada flacida, de seis polegadas de altura.

Os olhos do paciente deviam fixar constante e naturalmente os do operador. Este por sua vez devia ter a frente distante quatro a seis polegadas da do sujet.

O olhar era persistente e suave no meio dum profundo e inalterado silencio. Se fosse necessario devia manter-se esta posição durante uma ou duas horas, fixando-se no espirito a ideia de querer adormecer o doente.

Por este processo ao fim de meia hora ou menos, as palpebras tremerão. Uma palavra do

operador reconduzirá o paciente á mesma posição de olhar. A sensação de fadiga pronunciar-se ha gradualmente e os olhos fechar-se hão por completo sob a influencia do sono.

Este metodo que nunca foi amplamente vulgarizado reduz o paciente aos mais profundos estados de hipnose não sendo pois recommendavel para simples experiencias de estudo.

A experiencia da catalepsia total é uma das produções do mesmerismo e consiste em reduzir o corpo a um estado de rigidês indobavel e que por sinal apresenta perigos verdadeiramente temiveis. A maioria das vezes o processo operatorio consiste em tornar o corpo tão completamente hirto e rigido que colocado horisontalmente sobre as costas de duas cadeiras possa sustentar pesos enormes. Mais do que uma vez o resultado destas experiencias brutais findaram pela morte do paciente. Acresce ainda o perigo sobreveniente ás catalepsias repetidas, que consiste na tendencia inconsciente para se reiterarem apesar da vontade inhibitoria do paciente. Este perigo pode reproduzir-se tambem com as outras sugestões quando mal impostas.

Antes de findar e a simples titulo de documentação expendemos tambem outros processos que atingem por vêses a apparencia nitida do maravilhoso.

Como se deduz de todos os factos concre-

tos da hipnogenia todo o individuo que uma vez se deixou dominar voluntariamente pela hetero-hipnose pode a uma simples imposição da vontade do operador, mormente se no sono hipnotico isso lhe foi imperado, reproduzir todos os estadios do sono, mesmo a distancia consideravel do operador.

Assim se produzem certos fenomenos chamados post-hipnoticos, como actos illusoriamente conscientes. O hipnotismo no entanto simplesmente «exagera uma tendencia» sendo inutil e por vezes perigosa a imposição de ordens a cuja realização o individuo no estado normal não aquiesceria.

O *dr. Sage*, de New-York e muitos experimentadores tem conseguido hipnotizar pelo telefone, por meio de carta e até pela vontade transmitida. O processo é mais ou menos intuitivo. E' questão de ser comunicada essa ordem ao paciente de forma concisa, clara e imperiosa.

As mais das vezes a hipnose é produzida com um fim nitidamente terapeutico. Todavia distintos clinicos modernos são de parecer que basta o sono natural ou a simples hipnose parcial para se obterem identicos efeitos. O autor da obra «*L'Hypnotisme*» da «*Société des Recherches Psychiques*» de Paris foi quem primeiro numa obra americana defendeu vigorosamente o primeiro destes processos. Para ele a hipno-

se pode proceder do sono natural. Na America o processo de cura de crianças viciosas pela sugestão no sono natural está amplamente divulgado. O *dr. Paul Farez* advogou estas teorias em França na «*Revue de L'Hypnotisme*». O modus-operandi reduz-se ao seguinte. Antes da criança sobre quem se quer operar, adormecer diz-se-lhe que de noite se irá ter com ela e que se lhe falará; que não acorde e que deve mesmo responder ás perguntas, que lhe forem feitas.

Posto isto esperar-se ha momento oportuno em que a criança tranquilamente durma. Pé ante pé penetrar-se-lhe ha no quarto. No meio do maior silencio o operador deve pronunciar repetidamente a palavra: «Dor-me» sincronicamente com os movimentos inspiratorios e respiratorios da criança adormecida. Minutos volvidos a respiração estará maquinalmente dominada pela pronunciação das silabas da palavra «Dor-me». Continuar-se hão as sugestões e estar-se ha na fase da sugestão terapeutica. As sugestões devem ser brandas e repetidas. Alguns autores dão a este processo um valor excepcional.

Julgâmos ter reproduzido, conglobando-os, todos os processos da hipnologia operatoria, sintetizando num tratado a um tempo simples e completo, o trabalho dos principais mestres neste ramo da psicologia.

A SUGESTÃO

O estudo sistematico da hipnologia artificial abrange duas amplas ordens de fenomenos perfeitamente diferentes e intimamente conexos. Os primeiros são os que tendem a realizar o sono hipnotico em qualquer das suas fases, os segundos são os que, por intermedio do sono produzido, operam a transformação mais ou menos radical do psiquismo do individuo hipnotizado em ordem a fins terapeuticos, de experimentalismo transcendental, etc. O cerebro do hipnotizado é um simples aparelho registador da sugestão externa, é um cerebro que não pensa, que não sente, que não quer senão em harmonia com a sugestão imposta.

As sugestões possiveis são duma multiplicidade assombrosa.

As sensoriais atingem todo o sistema nervoso nas suas virtualidades sensitivas. O hipnotizado verá, ouvirá, cheirará, gostará, apalpará illusoriamente tudo o que o operador lhe

sugerir. O seu sistema muscular ficará numa paralização total ou parcial pela simples imposição da vontade que opera. A sua psicologia pode modificar-se adquirindo transitoriamente a personificação de qualquer individualidade estranha, a sugestão pode por ultimo operar em todo o organismo, realizando profundas transformações.

Nesta conformidade é facil atingir a multiplicidade de fins a que o hipnotismo se presta.

A psicologia experimental tem na hipnologia um dos seus melhores processos praticos de observação para o estudo biologico da alma humana nas suas manifestações naturais e transcendentais.

A pedologia alarga-se prodigiosamente integrando nos seus ambitos o hipnotismo como processo de inibição de vicios ou de impulsividade no desenvolvimento das faculdades e tendencias. A terapeutica aproveitando-se do hetero e do auto-hipnotismo ⁽¹⁾ pode operar sem medicamentos a cura de inumeraveis doen-

(1) A maioria das doenças *sine materia*, são quase sempre o produto morbido duma sugestão contínua ou duma ideia-força que inconscientemente vai minando o organismo. O auto-hipnotismo que, na prática, se confunde com a auto-sugestão, tem nestes casos um valor consideravel. A vontade, por sugestões apropriadas, fortifica-se e desenvolve-se. Para facilitar o tratamento pela

ças mormente as originadas por qualquer traumatismo moral ou de origem nervosa. Até certo ponto o hipnotismo substitue vantajosamente o proprio cloroformio.

A maioria das sessões publicas tem por fim simplesmente o divertimento dos espectadores. Muitos operadores como *Pickman*, *Donato* e outros entusiasmaram multidões pela multiplicidade de fenomenos produzidos. A intelligencia e a vontade do hipnotizado, são, por assim dizer, substituidas pela acção e influencia mental do operador e nestas condições as sugestões illusorias do operador podem originar curiosissimas situações para o hipnotizado. Depreñde-se facilmente que é interessante analisar um individuo que se julga conscientemente general, prégador ou gago, ouvi-lo comandar exercitos ou passar ordens por escrito em caligrafia especial, discursar de fórma zelosa e convincente ou sustentar uma conversa numa hilariante gaguês. A sugestão pode ainda operar

auto-sugestão, alguns autores recomendam o seguinte processo para o qual se requiere o maior silencio e tranquillidade: Numa folha de papel escrever-se ha a sugestão que se deseja. Colocar-se ha a distancia conveniente depois do operador se ter comodamente sentado e fotografar-se ha essa ideia no cerebro *querendo-a* realizar. O espirito deve absorve-la completamente, respirando-se profunda e tranquilamente.

uma paralisia parcial impedindo-lhe o movimento dos membros ou total a ponto de estendido, tendo por apoio as costas de duas cadeiras, sustentar pêsos inculcaveis.

Dando-lhe a beber agua e sugerindo-lhe que é um laxante ou uma bebida alcoolica, os efeitos purgativos ou o transtorno cerebral não se farão tardar muito. Um cheiro fetido toma-lo ha por um suavissimo e exquisito odor. A simples sugestão poder-lhe ha suscitar a audição dos melhores trechos duma opera favorita. Poder-se-lhe ha insinuar a presença illusoria dum anjo de formosura ideal ou um objecto de repelentissima apparencia. E o jogo fisionomico do subjecto modificar-se ha em harmonia com as sugestões impostas. Depreñde-se pois que o hipnotismo tem um grande ambito terapeutico e distinctissimos clinicos o empregam com esse fim. As doenças sine materia teem nele um meio curativo de provada eficiencia. Os habitos maus podem modificar-se ou extinguir-se sob a hipnose.

O alto experimentalismo abre por sua vez ambitos enormes ao estudo da psicologia experimental. São os efeitos post-hipnoticos da sugestão, a transmissão do pensamento, a leitura de olhos vendados, a dupla-vista, o desdobramento de personalidade, tantissimos phenomenos, que inçam de problemas os dados actuais da sciencia positiva e que são constatados pelas experiencias concretas do alto hipnotismo.

*

*

*

Uma das maiores dificuldades no modus operandi do sono hipnotico é o despertar do paciente. É, de facto, por vezes esta ultima fase do sono a que requiere mais sciencia e consciencia da parte do hipnotizador.

O sujet pode estar cançado, vitimado por sugestões violentas e neste caso um despertar rapido pode ser difficil e perigoso. O melhor meio é iniciar uma serie de sugestões tendentes ao desaparecimento total da fadiga dizendo com uma voz tranquila: «Estais calmo, nada vos encomoda. O cerebro está magnificamente disposto, os nervos, os musculos estão descansados, nunca um sono vos foi tão benefico mas é tempo de acordar, voltai a vós, dentro de tres minutos estareis perfeitamente acordado».

Se o paciente não acordar repeti as sugestões: «Acordai. Então? Vou contar até 15. Quando eu disser 15 quero que acordeis: 1. 2. 3... 7. 8. (soprai-lhe com força a frente) 10. 14. 15.» Batendo as mãos ou sacudindo-o acordará.

No caso de se conservar renitente colocai-o

numa corrente d'ar. Fazei-lhe cocegas nas mãos, pelo corpo. Aspergi-o com agua fria e se ainda por este processo não acordar o melhor é deixá-lo dormir até que desperte. (1)

Fazer aspirar ao paciente alcali ou eter pode-lhe provocar perturbações sensoriais e é perfeitamente dispensavel.

Donato no seu curso de hipnotismo conta o seguinte caso, que é deveras interessante e concludente.

«Ha uns bons dez anos foi-me confiado pela familia um sujeito vigoroso para o tratar pela sugestão de uns certos vicios, que o dominavam.

Experimentei adormece-lo pela fixação do olhar, pelos passes, pela repetição monotona das mesmas palavras. Nenhum resultado. Recorri então a um espelho rotativo de minha invenção. O espelho rodou uns trinta minutos sem parar.

Cheio de boa vontade, o meu homem, prestou-se a todas as experiencias e acabou por adormecer com o espelho.

Não foi possivel nenhuma sugestão. Dormia

(1) Um processo simples e rapido para acordar o paciente consiste em acostuma-lo desde as primeiras e mais rudimentares experiencias a readquirir o seu estado normal ao som de estalidos dados com os dedos.

a bom dormir, cheio duma fadiga intensa. Resonava ligeiramente e não me ouvia.

Experimentei acorda-lo por todos os meios conhecidos e desconhecidos e não fui capaz.

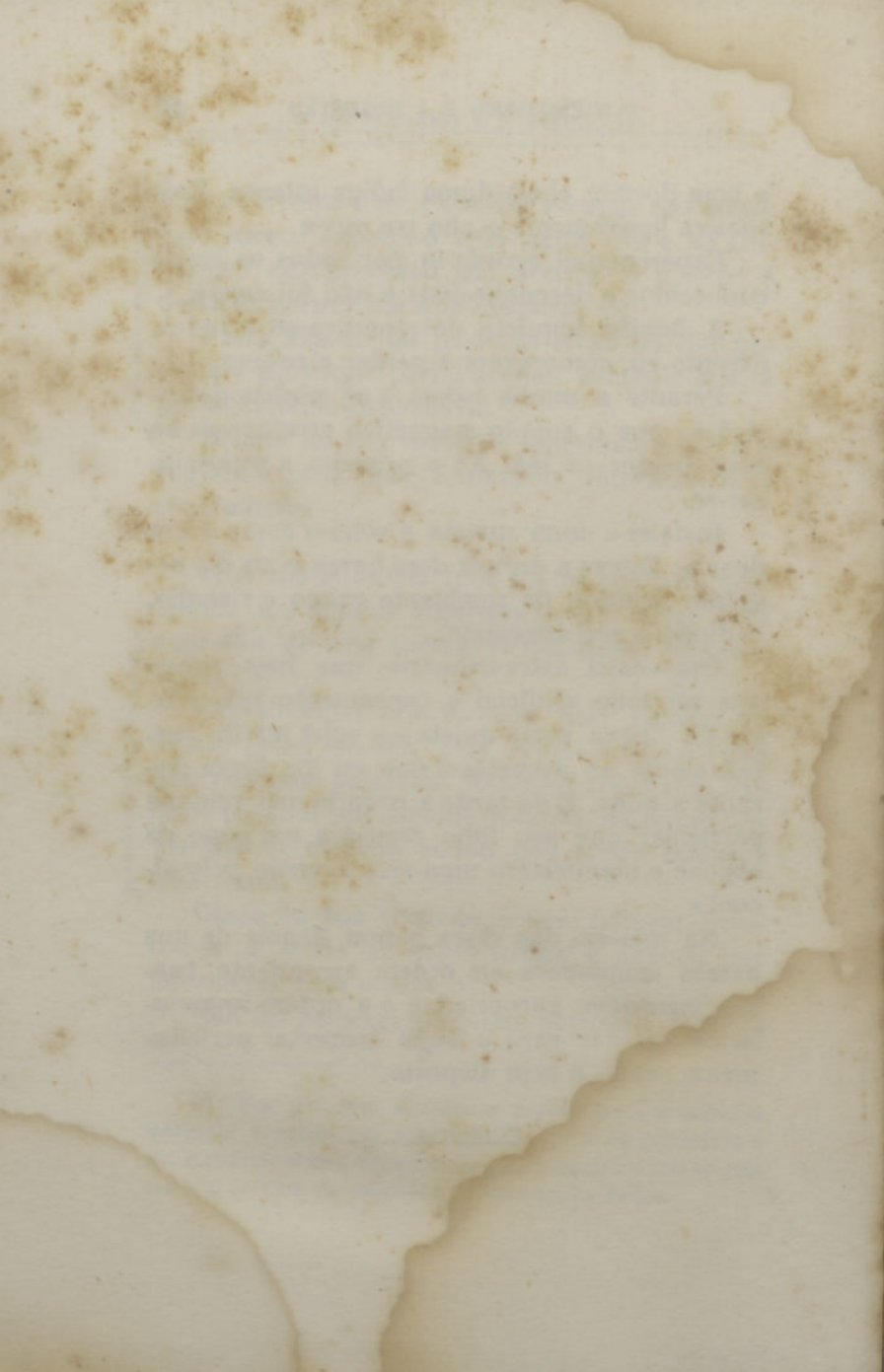
A familia inquieta desesperava-se e todos, excepto eu, começavam a perder a cabeça.

Perante a minha calma e as minhas disposições—que o sujeito magnetico prestava-se ao bom humor—a mãe foi a primeira a tranquilizar-se.

Instalei-o num quarto e velei-o como a um doente. Esteve a dormir *doze* horas e no dia seguinte acordou de semblante calmo e risonho, pedindo o seu chocolate.

Ora—caso extraordinario que bem prova que no sono artificial o pensamento vela apesar da lingua estar quieta—o sujet ouvira perfeitamente as sugestões, que eu lhe fizera durante a noite. E de tarde a propria mãe veio-me participar que seu filho recusára um copo de cognac e manifestára uma viva aversão pelo alcool.»

Na maioria das vezes porem, depois de uns passes magneticos em ordem ascendente, bastam sugestões apropriadas e a ordem imperiosa de acordar para o sujet despertar perfeitamente calmo e bem disposto.



Fenomenos gerais do hipnotismo

Os discipulos de *Charcot* e toda a escola da *Salpêtrière* dividem, em geral, em tres as fases do sono hipnotico: A letargia, a catalepsia e o sonambulismo. (1)

A letargia é caracterizada por um sono profundo, no qual está paralizado o uso dos sentidos, olhos fechados, tremura de palpebras. Não ha sensibilidade para a dor definindo-se perfeitamente a hiper-excitabilidade neuro-muscular. Neste estado um musculo póde contrafr-se fortemente excitando-o mecanicamente ou os seus nervos motores.

Estas contracções podem-se transferir. Assim, por ex., contraíndo-se ao paciente o biceps direito e em seguida o esquerdo, descontraíndo-se ha o direito para dar logar á contracção do esquerdo.

(1) *L'Hypnotisme*. Guibert. *Les états superficiels de l'Hypnose* e *Les états profonds de l'Hypnose*. Coronel de Rochas. *Où en est l'Hypnotisme*. A. Jeanniard du Dot.

O individuo mergulhado em letargia é pouco ou nada susceptível de sugestão.

A escola de Nancy nega a sugestibilidade neste estado.

A letargia pode produzir-se pela fixação dum ponto brilhante, pela pressão dos globulos oculares, por um ruido intenso ou pela sugestão dum sono profundo:

A catalepsia é caracterizada pela persistencia das atitudes impostas. Acurvando-se o corpo ou um membro do sujet ou determinando-se-lhe uma posição incomoda persistirá nela indeterminadamente.

A atitude suscita por vezes um jogo fisiologico concorde. Assim fechando as mãos do sujet em posição aggressiva os musculos faciais tomarão uma atitude de odio, etc.

Obtem-se a catalepsia pela fixação dum ponto luminoso ou do olhar, um golpe de gong, etc.

O sonambulismo manifesta-se com o sujet de olhos fechados ou de olhos abertos.

O sonambulismo de olhos fechados sucede á letargia fricionando a região occipital do sujet. O de olhos abertos sucede ao anterior mandando ao sujet que «abra os olhos sem despertar.»

Para mergulhar um individuo em estado sonambulico basta fechar-lhe os olhos ou soprar-lhe ligeiramente nos globulos oculares.

Muito sumariamente são estes os tres estados defendidos pela Salpêtrière desde *Charcot*. São toda a hipnose? De modo algum, diz *Hector Durville*.

As opiniões dividem-se, mesmo porque os graus de sugestibilidade são imensamente variáveis.

Geralmente admitem-se hoje (classificação de *Pierre Janet*) até nove graus diferentes:

- 1.º Catalepsia;
- 2.º Catalepsia letargica;
- 3.º Catalepsia sonambulica;
- 4.º Catalepsia cataleptica;
- 5.º Letargia;
- 6.º Letargia sonambulica;
- 7.º Sonambulismo;
- 8.º Sonambulismo cataleptico;
- 9.º Sonambulismo letargico.

O estado de vigilia em que se executam as experiencias de hipnose parcial é classificado por alguns autores por estado de credulidade, vigilia sonambulica, estado sugestivo, sonambulismo desperto, etc.

O *Dr. Liébault*, da escola de Nancy, apresenta outra divisão:

- 1.º Sonolencia;
- 2.º Sono ligeiro;

- 3.º Sono profundo ;
- 4.º Sono profundissimo ;
- 5.º Sono sonambulico ligeiro ;
- 6.º Sono sonambulico profundo.

Sonolencia: Sinais variaveis e pouco precisos, peso de palpebras, torpor, fadiga local ou geral. (Consciencia completa).

Sono ligeiro: As palpebras estão fechadas, a catalepsia começa a aparecer e os braços ficam mais ou menos tempo na posição imposta, persistem a consciencia e a memoria.

Sono profundo: Os sujetos executam, até contra a vontade, os movimentos ordenados pelo operador, a sensibilidade diminue-se mas a consciencia persiste intacta.

Sono profundissimo: A atenção do sujet é dominada pelo hipnotizador mas a consciencia continúa.

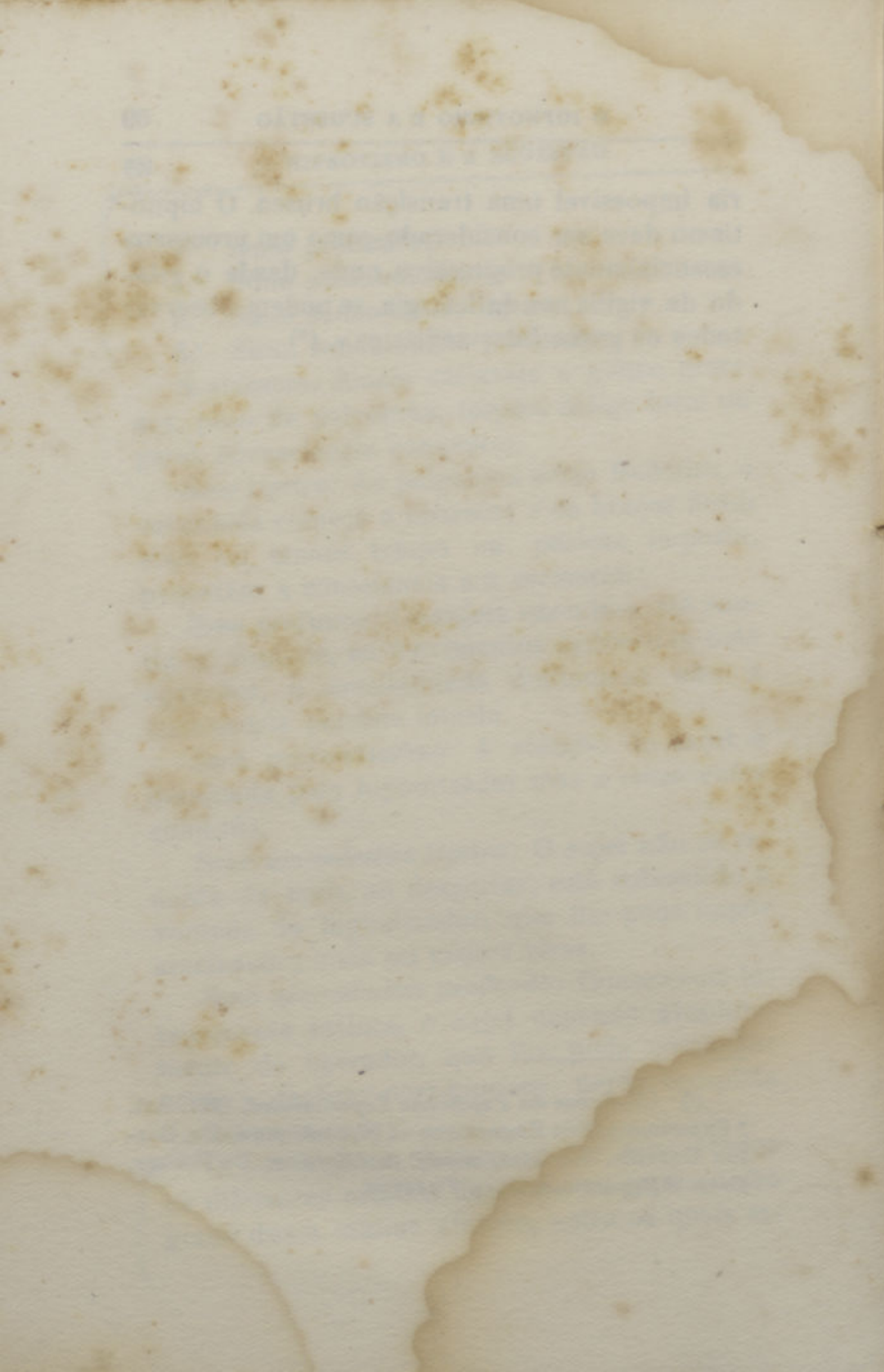
Sono sonambulico ligeiro: O sujet não se recorda de nada ao despertar; está submetido á vontade do hipnotizador, que lhe pode impôr alucinações mais ou menos vivas.

Sono sonambulico profundo: Consciencia inteiramente extinta, o sujet depende absolutamente do operador, que lhe pode comandar actos a realizar post-hipnose; perda completa de toda a memoria.

O Dr. *Magnin* observa porêm, que: « todos os diferentes estados descritos na hipnose são graus duma mesma afecção, entre os quais se-

ria impossível uma transição brusca. O hipnotismo deve ser considerado como um processus essencialmente progressivo onde, desde o estado de vigília aos da letargia, se podem observar todos os graus intermediarios ». (1)

(1) Cf. *Revue du Psychisme Experimental*, 1911. Art. « Experimentation Magnetique et Hypnotique », Dr. Gaston Durville. *Les états superf. de l'Hypnose*. De Rochas. *Cours d'Hypnotisme*. JEAN FILIATRE.



O hipnotismo e a critica



As práticas hipnoticas levantaram sempre em todos os campos acesa celeuma. A imprudencia de certos operadores ousados ou inexperientes, os deploraveis resultados de certas sessões e os fenomenos transcendentais do sonambulismo alem de certos dados das estatisticas criminalistas dividiram os campos extremado adversarios de envergadura respeitavel. O problema do obumbramento total da consciencia do hipnotizado ainda não está definitivamente resolvido.

A hipnose produz simplesmente o *exagero duma tendencia*? Reduz absolutamente o paciente á *inconsciencia operativa*? *Certant doctores*. A verdade pode estar no meio termo. O que é moralmente certo é que um operador criminoso pode fazer do imprudente sujet instrumento de protervias as mais inclassificaveis. Acode-nos á mente inumeravel profusão de factos criminosos solicitados, realizados sob a eficiencia directriz da sugestão e ainda sob a influencia da sugestão post-hipnotica.

Por vezes nas sessões publicas os operadores cometem verdadeiros excessos transformando em vitimas pacientes desprevenidos; outras vezes são nevroses que se originam, perturbações sensoriais, alucinações que persistem. Compreende-se pois a legislação civil de certos países (1) e as disposições canonicas da Igreja a este respeito baseadas não só no problema da alienação voluntaria e transitoria da vontade como na suas consequencias morais e fisiologicas.

O caso de *Cullerre* citado por *Bernheim*, o relatorio secreto de *Bailly* são casos classicos. Os factos constatados por *Grasset* de perturbações sensoriais, que desorganizaram certos individuos, as declarações feitas, de passagem, por *Gras*, (2) *Demarquay* e *Giraud-Feulon*, (3) *Gigot-Suard*, (4) *Charpignon*, (5) *Dupotet*, (6), semelhantes ás de *Gibier*: «Tout homme qui consent à devenir sujet est perdu» ou á de *Thouvery*. «Du jour où cette folie m'a saisi, ma vie

(1) Em Portugal existe a Portaria de 11 de Abril de 1889, devida aos esforços do Dr. Silva Carvalho, proibindo as sessões publicas de hipnotismo.

(2) *Repertoire de medicine*. Gras.

(3) *Recherches sur l'Hypnotisme*. G. Teulon.

(4) *Hist. du Merv.* L. Figuier.

(5) *Physiologie du Magn.* Charpignon.

(6) *Traité du Magn. ani.* Dupotet.

a été um longue martyre » (1) fazem, pelo menos, suscitar a ideia de que as experiencias hipnogenicas e suas consequencias sem um habil operador e sem um fim moral ou exclusivamente scientifico devem ser absolutamente banidas.

Ch. Féré declara que « l'hypnotique peut devenir un instrument de crime d'une effroyable precision ».

Esses crimes são quase sempre « crimes de laboratorio » mas é indiscutivel que as experiencias se podem realizar a serio.

Nos « *Annales de anthropologie criminelle* » *Foureaux* e *Focachon* constataam as experiencias realizadas em sonambulas passando do crime á negação, depois á accusação concreta de innocentes.

Franco cita varios casos de crimes de laboratorio entre outros o de uma criança assassinando a tiro a propria mãe.

Pela sugestão podem-se arrancar declarações de divida em forma. Um deputado italiano apresentou em pleno parlamento um desses bilhetes extorquido criminosamente.

Afirma-se que ninguem é sujet sem um consentimento expontaneo. É certo. Mas uma vez dado esse consentimento fica-se ao alvedrio do hipnotizador mormente se durante o sono provo-

(1) *Le Miracle et ses contrefaçons*. Bonniot.

cado se sugere o facto duma dependencia absoluta e futura. *Bertrand* e *Ochorowicz* declaram que as exigencias se podem fazer *com a vontade, sem a vontade ou contra a vontade* do sujet.

O hipnotismo pode pois ser uma perigosissima arma. Quantos crimes de seducção não terão sido cometidos por seu intermedio, quantos traumatismos fisicos e morais, quantas aleivosias, considerando sobretudo que na sugestão a realizar post-hipnose o sujet afirma persistentemente que está no uso pleno das suas faculdades e que faz livre e consciestamente os seus sugeridos actos?

*

* *

São concludentes as razões apresentadas para uma proibição absoluta, radical do estudo e pratica do hipnotismo? Não são. A sugestão em estado de vigilia é um dos melhores meios para a modificação de maus habitos. Se-lo ha mais poderosamente num estado sub-hipnotico. Muitas sumidades medicas o teem defendido e empregado não só na cura de doenças mentais como de outras onde a terapeutica classica cincára. O hipnotismo alarga sobremaneira os ambitos dos conhecimentos humanos definindo e estudando os interessantissimos problemas da visão

a distancia, da exaltação dos sentidos, do desenvolvimento das faculdades animicas, da transmissão do pensamento, não falando na fenomenologia transcendental nas suas perturbadoras manifestações.

A hipnologia experimental nas suas modalidades transcendentais suscitou uma ordem de adversarios de indiscutivel valor scientifico mas nem sempre de uma justeza vigorosa de argumentações. O alto hipnotismo reproduz as evocações perturbadoras da Magia e ressuscita o velho tema do ocultismo sob uma diferente forma operatoria mas chegando á mesma conclusão de factos. O mundo impenetravel dos misterios transcendentais e do dominio do sobrenatural, parece desvendar-se, conseguintemente o hipnotismo não sendo uma seriação de fenomenos naturais é, pelo menos, um pacto illicito, condenavel portanto. O tradicionalismo teologico, por vezes, o ocultismo, quase sempre, não veem no sujet senão um individuo sob possessão de uma entidade alheia. Os altos fenomenos hipnologicos são obra de entidades de alem-campa ou de espiritos separados. O dr. *Charles Helot* é desta ultima opinião acompañado por *Jean-niard du Dot*, do dr. *Imbert-Gourbeyre*, *Franco* e *Elie Blanc*. As duvidas destes autores foram desfeitas, em parte, por teologos eminentes como *Guibert*, *Coconier*, *Schneider* e outros. Indiscutivelmente as experiencias transcendentais não

se podem hierarquizar ainda sob o domínio duma lei básica, que seja iniludivelmente natural.

O alto hipnotismo impregna-se das manifestações mediunimicas do espiritismo. Por sua vez o hipnotismo franco é susceptível de se realizar tanto no homem como nos animais. Deste facto tirava *Coconier* a conclusão de que ele era uma serie de fenomenos naturais.

O coronel *Albert de Rochas* (*Les etats superficiels de l'Hypnose*, pag. 136 e seguintes) *Jagot*, *Filiatre* e outros autores apresentam grande numero de exemplos da hipnose realizada em animais.

Em 1646 o *P.^e Kircher* explicava na *Ars maxima lucis et umbræ* sob o nome de *Experimentum mirabile* a pratica popular de hipnotizar uma galinha.

Binet e *Féré* citam o processo dos camponeses de Caux, para, adormecendo qualquer ave domestica, lhes modificarem o instinto e os ninhos.

O processo de *Ballassa* para hipnotizar um cavallo ainda hoje é conhecido no exercito austro hungaro sob o nome de *das Ballassiren*.

Ha pouco tempo ainda *Rarey*, dominava cavalos por um processo identico.

Em 1873 *Czermack* reduzia ao estado catalep-

tico, pela simples fixação do olhar, passaros, coelhos, salamandras, etc.

Em 1881, *Beard*, de Boston, demonstrou que pela musica, pelo medo, pelos passes magneticos se podia obter a catalepsia dos animais.

Lafontaine magnetizava publicamente gatos, cães, leões, etc.

Miss Chandos Leigh Hunt na sua obra «*Private instructions in the science and art of organic magnetism* (cap. VII) ensina curiosos processos para a magnetização dos animais.

Jaccoliot viu como na India os indigenas catalepsiavam serpentes pela musica, pelo olhar e pelos passes. Pelo simples contacto exercendo pressão na cabeça da vibora, *Nayé* e os egipcios *Harvis* e *Psylles* chegam ao mesmo resultado.

O hipnotismo pois é um fenomeno natural que se pode realizar sob varios aspectos não só nos homens como nos animais.

*

* *

Outro aspecto maximamente interessante da hipnologia é a questão das radiações humanas. Para que servem os passes magneticos nas experiencias hipnoticas? Os suggestionistas negam o seu valor operatorio. Parece todavia não te-

rem razão. Algumas simplicíssimas experiências constataam o alto valor dos passes magneticos. O proprio *Braid* na *Neurypnologie* confessa que durante muito tempo julgou identicos os fenomenos hipnoticos e mesmericos e por fim perante a realidade de certos factos aceitou a differença de dois agentes.

Foi o *Dr. Reichembach* que primeiro constatou definitivamente a questão da polaridade humana. Serviu-se para isso de sensitivos em estado de vigilia e numa camara escura. Estes trabalhos foram mais uma vez ultimamente retomados por *De Rochas* e *Henri Durville*. O corpo humano está polarizado emitindo radiações coloridas. Essas radiações estão constatadas pela documentação fotografica e pelos trabalhos de *Guenther*, de *Luys* e *David* e são, em ultima analyse semelhantes aos raios N de *Blondlot*.

Arsonval num comunicado lido na Academia das Sciencias de França por *A. Charpentier* (14 de dezembro de 1903) demonstra de fórma irrefragavel que o corpo humano emite raios N, que aumentam numa camara escura a luminosidade duma substancia fosforescente. Num novo comunicado á mesma Academia declara que «tem rasões para julgar que o pensamento não expresso, a atenção, o esforço mental dão logar a uma emissão de raios N, que reagem na fosforescencia.»

Em resumo, todo o centro nervoso que fun-

ciona junta á sua emissão de repouso novos raios N, proporcionalmente á sua actividade. Estes raios transmitem-se divergindo segundo as leis da optica, atravessam com maior ou menor refração meios successivos e manifestam-se por um aumento de luminosidade no objecto de prova, variavel segundo a intensidade da emissão e da distancia. Em ultima analyse os raios N de *Blondlot* parece não serem outra cousa senão o fluido dos magnetizadores, o *od* de *Reichembach*, a força neurica radiante de *Barety*, o fluido de *Cudwort*; etc.

O *Dr. Marx Doris* fundamenta todo o seu sistema hipnomagnetico na teoria dos raios N. Historiemos rapidamente este caso.

Em 1893, o prof. da Universidade de Nancy *René Blondlot* descobriu uma nova classe de radiações luminosas, que se enquadravam no espectro solar além dos raios ultra-violetas. Em honra de Nancy chamaram-se N. As fontes que originavam essas radiações eram multiplas, os tubos dos raios catodicos, um bico de incandescencia, a lamina metalica em brasa dum arco electrico, duma lampada de *Nernst*, o sol, etc. Outros objectos emitem radiações semelhantes aos raios N, como o aço, as lagrimas batavicas, a madeira comprimida, etc.

E como se isto não fosse tudo, o proprio

corpo humano, emite *radiações fisiológicas* em tudo similares aos raios N.

Qualquer *ecran* de sulfureto de calcio fosforescente constata por uma luminosidade peculiar a presença d'esses corpos mormente dum musculo em contracção, dum nervo, ou dum centro nervoso em laboração.

Calcula-se o crescente interesse que este descobrimento suscitou no mundo scientifico. O poder penetrante dos raios N é sensivelmente igual ao dos raios X nos corpos de superficie polida, atravessando o quartzo, o sal gema, o papel, o vidro, o aluminio e o latão com espessuras consideraveis.

Fisicos de renome correram a Nancy para a constatação pessoal dos fenomenos. Nem todos compartilharam as opiniões de *Blondlot*. As experiencias, que se realizaram no estrangeiro e fóra de Nancy nem sempre deram o resultado apregoado pelo ilustre professor. Daf uma divisão de fisicos N e anti-N. Acuzaram-no de se auto-sugestionar e de sugestionar os circunstantes. *Blondlot* continuava nas investigações aproveitando-se da constatação fotografica. Essa não se sugestionava nem se sujeitava ao truce de *M. Wood* substituindo na obscuridade um corpo inerte a um gerador de raios N ou de um engano de outro fisico distinto, que segundo conta *M. Pellat*, prof. da Sorbonne, continuou

a ver raios N através dum prisma de alumínio, que os interceptava.

A fotografia deu o resultado e a realidade dos raios N ficou definitivamente constatada.

Resta provar se as irradiações fisiológicas são simplesmente raios N, se são de naturêza diferente ou se, por sua vez, a força vital da criação se não modaliza nas diferentes manifestações radiantes da materia, sendo as irradiações da pilha humana *entitativamente* as mesmas, que todas as outras. (1)

O Dr. *L. Amboise* discorda do sentir de *Blondlot*, de *Charpentier* e dos que afirmam a identidade do fluido magnetico com os raios N. (2) Estudos profundos levaram-no á conclusão de que divergem profundamente quanto á sua estructura cinetica.

Os raios N são os efeitos da vibração atomica peculiar a todos os corpos. A onda magnetica, porém, tem um dinamismo peculiar perfeitamente diferente.

O magnetismo cria-se em nós; retirâmos do ar exterior todos os elementos necessarios á sua formação.

(1) G. de Tromelin. *Les propriétés de la Chaleur sur la force biolique.*

(2) Le Monde Psychique. 1912. Dr. *L. Amboise.*

No ar que nós respirâmos encontram-se todos os elementos componentes do fluido magnetico, principalmente no oxigenio e no azote.

Pela respiração o ar penetra nos pulmões transformando em arterial o sangue venoso. Não pára aí a missão do ar inspirado, tambem ele mercê de misteriosas evoluções se transfórma em energia magnetica com um campo de operatividade e raio de onda nitidamente definido. (4) Passando através do tecido nervoso e chegado ao cerebro o encefalo absorve e condensa esse fluido para começar a sua obra de vitalização.

Esse fluido que circula por todo o sistema nervoso acumula-se na periferia do corpo. É a *aura* dos espiritas, a *fórma plastica* dos ocultistas. Irradia-se conscientemente pelo *gesto*, pelo *olhar* e pela *vontade*. É o *agente* dos magnetologos.

(4) «L'air aspiré pénètre dans les poumons et les petits pores de cet organe permettent aux éléments de se propager vers le foie où ils arrivent sous forme de matière premiere. Le foie est une véritable usine qui transforme la marchandise, grâce au perfectionnement de son outillage. Là, les agentes atmosphériques, c'est-à-dire, un certain nombre de gaz, se transmuient en fluide sous l'action de la bile. Comment se fait cette transformation ? Par un procédé connu en chimie sous le nom de oxydation. La bile qui est acide, opère de veritables réactions sur les gaz, puis elle entraîne le fluide crée vers

*

* *

Muitos autores não só para a explicação dos fenomenos telestesicos como do experimentalismo hipnologico admitem que entre dois cerebros se pode estabelecer uma corrente vibratoria em unisono.

Esta teoria não vai de encontro a nenhuma das teses classicas da formação e operatividade do pensamento e assim podemos chamar aos pensamentos, *actos volitivos, cousas, forças ou ondas*.

Por sua vez ha vibrações que o homem conscientemente não apreñde. O iman, por ex., exerce uma influencia que o homem normal não atinge. Um fenomeno acustico produzido por um numero superior a 75:000 vibrações ou inferior a 32 não se sente. Isto prova que o homem é insensivel a estas ondulações? De modo algum. O mais que se pode afirmar

le cerveau qui se charge de le distribuer dans tout le corps.

Le fluide fabriqué passe par les nerfs sous forme de courant ininterrompu, et lorsqu'il en a parcouru les formidables et inextricables réseaux il doit se répandre à l'exterieur.

C'est ici que le rayon magnetique se distingue du rayon N. »

Le Monde Psychique. Pg. 614. Dr. Amboise Paris. 1912.

é que os sentidos não constataam essas impressões.

Os actos internos das faculdades sensiveis são causa de vibrações varias, que se propagam para fóra do nosso cerebro, diz o distinto prof. *Guibert*. A propria escolastica aceita este postulado. Os pensamentos elaboram-se com imagens; estas imagens são um estado vibratorio peculiar da faculdade, do orgão que trabalha. «Essas vibrações, realmente fisicas, variam forçosamente de raio de onda com as imagens de que são o suporte mecanico. Mais ainda: estas vibrações teem necessariamente um campo de acção, ilimitado como o de todas as ondulações; propagam-se exteriormente com uma intensidade, que diminue com o quadrado da distancia». Conclusão natural. Dois cerebros podem vibrar unisonamente por multiplas causas psicologicas ⁽¹⁾ e daí a transmissão do pensamento, a telepatia, e a corrente nervosa produzindo ondulações idênticas, donde imagens, pensamentos correlativos.

Nestas e semelhantes teorias se baseiam os que admitem a hipotese duma corrente mental entre operador e sujet tendo o magnetismo como plano de transmissão.

⁽¹⁾ *Les hallucinations telepatiques*. Vaschide. *Hypnotisme et Spiritisme*. C. Lombroso. *A Psicologia Experimental*. JOÃO ANTUNES.

*

*

*

A eficiencia da sugestão nos casos hipnoticos é outra questão em litigio. A sugestão é o fenomeno normal da vida psicologica. Partindo deste facto alguns autores afirmam que a sugestão em estado de vigilia é mais eficiente que no estado de hipnose. Baseiam-se nestes principios os adeptos da *psico-therapeutica racional*.

«De facto, a sugestão, (1) não só não é, a nosso ver, a característica essencial da hipnose mas ainda, ousamo-lo dizer, que ela se exercerá talvez efectivamente, senão mais estrictamente, no estado de vigilia do que no estado de hipnose.»

Tarde em França, *Michailowsky* na Russia, *Lombroso* e *Sighele* na Italia, propugnaram estas opiniões.

Efectivamente muitas sugestões são de rea-

(1) *La Suggestion et ses limites*. Pf. Bajenoff e Dr. Ossipof, pag. 11. Paris. Bloud.

lização impossível no estado de hipnose. O estado de sugestibilidade operatoria é o *exagero duma tendencia*, que deve existir num estado latente ou patente na consciencia ou no fundo sub-consciente do individuo.

O *Dr. Geraud Bonnet*⁽¹⁾ resumiu as opiniões correntes num certo meio scientifico a este respeito.

A sugestibilidade consiste numa especie de credibilidade, real ou ficticia, que faz com que o sujet, aceite sem opposição, sem reserva, numa obediencia por vezes absoluta, as afirmações, que lhe são feitas, as ordens que lhe forem dadas e os actos que lhe forem impostos. Nesta faculdade se baseiam quase todas as applicações do hipnotismo, e em particular, as da terapeutica suggestiva.

«O sujet suggestivel parece por vezes executar com uma complacencia reflectida e voluntaria, o que se lhe impõe, outras vezes porém opõe uma resistencia tenaz e vigorosa, não lhe é possivel reagir no entanto, quando dotado duma sensibilidade forte atinja um grau profundo de hipnose.

«A sugestibilidade apresenta variações e é tanto maior quanto o sono hipnotico fôr mais

(1) Cf. *Cours d'Hypn.* Paul Jagot. *L'Hypn. franc.* Coconier. *La vie psycho-sensible.* Dr. Surbled.

intenso. É no sonambulismo, na opinião de *Bernheim*, que a sugestão adquire o seu maximum de efficacia.

«Entretanto nem sempre a sugestão é uma consequencia da hipnose e o contrario é talvez mais exacto.

«Em ultima analyse a sugestibilidade é uma faculdade normal como todas as outras, a memoria, a vontade, os sentimentos affectivos, a intelligencia, etc.»

É precisamente esta questão da sugestibilidade o inicio das divergencias entre as escolas de Nancy e da Salpêtrière.

Á questão ¿pode o sonambulo resistir ás sugestões impostas? A resposta é comumente affirmativa.

«O sonambulo pode resistir a uma sugestão determinada quando em antagonismo com um sentimento profundo» (*Pitres. Les suggestions hypnotiques*, pag. 61).

Uma das consequencias concludentes desta corrente mental de teorias e opiniões é que todo o operador deve fazer um ponto de honra da sua sciencia e consciencia.

Assim o hipnotismo pode ser um processo medicativo de efficacia assombrosa.

Entre os doentes que *Pierre Janet* hipnotizava havia uma senhora a quem curára pela sugestão certas afecções pathologicas ter-riveis.

Faltavam no entanto a anestesia hemifacial esquerda e a cegueira do olho homologo.

Não havia meio de remediar a estas taras.

Sabe-se que o hipnotizado pode revestir diferentes tipos, reviver diferentes idades da sua existencia e que esta comedia sonambulica é realizada ás vezes com uma verdade surpreendente.

Aproveitou *Janet* esta particularidade e fez passar a sua cliente pelas diferentes idades da sua vida.

Afirmava que era cega de nascença mas quando a fez *viver* a idade de cinco anos, a doente *via*.

Consequentemente a cegueira sobreviera-lhe posteriormente. Então *Janet* por investigações engenhosas, fez-lhe representar os diferentes episodios da sua infancia e reconheceu que a causa de cegueira era a seguinte circumstancia: Quando tinha cinco anos fizeram-na dormir com uma outra criança, apesar do seu medo e repugnancia; esta tinha uma erupção na face esquerda. Pouco depois teve uma erupção semelhante a qual se anesteziou desaparecendo-lhe a faculdade visiva do olho esquerdo.

«Estava encontrada a chave do enigma. *Janet* hipnotizou-a, fe-la voltar á mesma idade, representar a mesma scena mas sugeriu-lhe que a criança era muito gentil e que não tinha nenhuma afecção. E ela acariciou sem horror a

criança imaginaria. O resultado foi assombroso, restabeleceu-se-lhe a sensibilidade na cara e o olho que durante vinte anos estava inutil começou a ver de novo.»

*

* *

Fizemos rapidamente um estudo concreto da Hipnologia artificial, teorica e prática. Não nos alongâmos na multiplicidade de induções e deduções a fazer deste ramo de sciencias que abrange um ambito enorme, que vai desde simples experiencias ao campo vasto de transcendentalismo operatorio.

As sciencias hipnologicas vieram através das idades, revestindo fórmulas esotericas até á constatação fria dos laboratorios.

Depuradas dum aparato que, vincado dum hieratismo abstruso, definiu uma mentalidade antiga estão hoje á mercê do experimentalismo terapeutico e dos estudos da alta psicologia.

Da sua historia sintetica deduz-se o eterno ascender da alma humana para o misterio da vida, o perpetuo evolucionar do homem para o conhecimento profundo da sintese virtual da criação e da sua causal eficiente e absoluta. Ligando os homens e as cousas na comunhão

cosmica do Universo ha uma força da conservação do mundo que opera uma transformação, uma criação constante.

As escolas iniciaticas de filosofia, que se definiram através dos tempos nas raças de aspirações fortes, forcejaram por apreender e dominar essas forças cegas sob a direção consciente da intelligencia humana. No homem, sintese virtual dos cosmos e de algum modo centro magnetico das energias vitais da natureza, essas forças cruzam-se e condensam-se no seu dinamismo psiquico e consciente. É essa tradição constante que brota cheia duma intuição palpitante do estudo da historia da consciencia humana e do hodierno transcendentalismo constataado.

Não é porem impunemente que essas forças são mal empregadas pelo homem. Varias figuras hieraticas da mitologia antiga podem ser uma representação simbolica dum perfido manejo dessas energias misteriosas. (1)

O hipnotismo quando sai da fenomenologia natural do sono lucido entronca-se evidentemente no campo do maravilhoso oculto. É um liminar perturbador do psiquismo hermetico e do alto espiritismo dos desdobramentos a distancia. (2) Essas forças naturais são meramente

(1) Eugene Husard. *La fin du Monde par la science.*

(2) H. Durville. *Le fantôme des Vivants.* C. Lom-

materia sublimada, inconsciente, fatal? É o misterio do futuro, que se não scinde com precisão de golpe.

O hipnotismo é uma terrivel arma em mãos preversas ou imprudentes. O seu conhecimento premunirá e abroquelará de um modo conclusivo contra as invasões dum misticismo perigoso porque dá a definição clara e concreta de muitos fenomenos da demonologia medieval e das tentativas dos que conhecem as leis do dominio mental quando as queiram empregar em detrimento dos direitos da consciencia.

Como o cloroformio, o acido prussico a maioria dos anestesticos e elaborações quimicas, o hipnotismo só deve ser empregado para casos concretos e previstos por quem tenha a capacidade intelectual e moral de o compreender e realizar. Do seu estudo analitico e conclusivo, e esta consequencia basilar é sumamente frizante, brota numa evidencia palpavel que as forças cripto-psiquicas do homem e suas emergentes virtualidades abrangem um mundo novo ou resuscitado de estudos experimentais, que se entroncam, lançando luz e desdobrando uma nova criteriologia, no insondavel ambito da Psicologia Experimental.

broso. *Hypnotisme et Spiritisme*. Dr. Marcel Violet. *Le Spiritisme dans ses rapports avec la folie*.



INDICE

Através da Historia

Periodos da hipno-magnetologia.—O criterio scientifico actual.—O hipnot., a Psicologia e o transcendentismo.—Os fenomenos agiologicos.—A estigmatização, os desdobramentos, o odor de santidade e a critica naturalista.—O ambito das sciencias transcendentas.

Mesmer e a sua obra.—Teorias do magnetismo animal.—A escola mesmerica.

Braid e o hipnotismo.—Os defensores e os adversarios.—Teorias antigas e modernas.—O braidismo e a electro-biologia.

Homero, Plinio, Virgilio, Alexandre de Trales.—Os teologos.—Roger Bacon, Marcelo Ficino, Pomponacio, Agripa e Paracelso, Roberto Flud, Roberto Bryle. O P.^o José Custodio de Faria, etc.

Os passes longitudinais e transversais.—O sopro.—A polarização e os estudos de Reichembach.—O hipnotismo na terapeutica e na pedagogia.

O sono hipnotico e a sua produção

Qualidades dum bom operador.—O olhar, o gesto e a palavra.—Os sensitivos.—O desenvolvimento do

olhar magnetico.—A questão da normalidade ou anormalidade dos sujetos. Donato e Clovis Hugues.—Excitações brandas e fortes.—Os processos mecanicos.—A hipnose parcial.—A atracção do sujet para traz, para diante, para os lados. A paralisia do peçoço.—Fórma de ligar as mãos.—Prender as palpebras.—Paralisia dos braços, das pernas.—Afonía sugerida.—Atracção invencivel.—Movimentos inconscientes.—Obrigár a ajoelhar.

A hipnose total.—Teorias.—Metodos de Jagot, Filiatre, dr. Charles Richet, dr. Bernheim, Donato, do dinamarquês Hansen, dr. Liebault, Braid, Verbeck, Pickman, Bremaud, Teste, Bourneville, Flower, La Motte Sage.—No hospital Mesmerico de Calcutá.

A sugestão.—Processos e efeitos.—O despertar.—Sujets dificeis.

Fenomenos gerais do hipnotismo.—Estados e fases do sono hipnotico.—A letargia, a catalepsia, o sonambulismo.

O hipnotismo e a critica

O que é a sugestão.—O hipnotismo perante a liberdade e a crimonologia.—Os fenomenos transcendentais.—O hipnotismo e os animais.—O magnetismo.—A questão dos raios N.—A magnetologia.—O dinamismo humano e a sciencia moderna.—Os limites da sugestão.—A objectivação de tipos.—As curas. Conclusão.



A Coleção: "Psicologia Experimental,,
e a Critica

De "O Seculo., (10 de Outubro de 1912)

A Livraria Classica Editora, do sr. A. M. Teixeira, acaba de lançar a publico um livro a todos os respeitos de subido merecimento. E' o volume que se intitula *A Psicologia Experimental*, pelo sr. João Antunes, joven e erudito professor que se revela ao mesmo tempo um escritor primoroso.

Este pequeno livro, tão claro, tão incisivo na sua forma escrita, quanto substancioso e interessante na synthese que encerra, é como uma chamada aos poucos que na nossa terra se inquietam com os altos problemas da constituição íntima da personalidade humana e dos seus destinos, convidando-os a entrar, com um criterio novissimo, em legitimas indagações que um seco materialismo, deploravelmente infiltrado nos habitos da mentalidade latina, por muito tempo tem trazido num ininteligente repudio.

A applicação perseverante de escrupulosos metodos de observação e de experiencia á analyse de factos assombrosos, para os quaes uma subita renovação das velhas superstições do *espiritismo* tem, desde o meado do seculo findo, atraído insistentemente a atenção dos ho-

mens de ciencia, produziu resultados maravilhosos. Os trabalhos do eminente fisico W. Crookes, os de Lombroso, de Wallace e de Richet, os de Zœlner e Rochas, de par com as vastas compilações sistematizadas de Aksakoff, de Vaschide e de Durville e com as perspicazes vulgarizações de Flammarion e de Louis Figuier, trouxeram á ciencia a irrecusavel evidencia de que o sêr humano não é apenas materia, na aceção grosseira do termo, nem a vida que anima essa materia é meramente a resultante de ações fisico-quimicas que nela e no seu meio ambiente se passam. O desdem com que se punha de parte a discussão de tudo o que não cabia nos moldes de explicações da sabedoria classica, negando-se-lhe exame, averbando-se comodamente as etiquetas de *coincidencias*, *acaso*, *ilusões* — esse desdem caducou. Um consciencioso estudo da veracidade de tantissimos fenomenos que andavam relegados para o dominio das fantasias, das superstições, das maluqueiras mostrou com pasmo que ha muito que aprender neles ácêrca de faculdades apenas suspeitadas, apenas entrevistas, neste prodigioso ente que se chama — o homem. O resultado foi uma revolução completa na acriteriação da psicologia humana, o concluir da derrocada em que já os argumentos da etica tinham lançado o materialismo, o reaparecimento a uma nova luz — luz consoladora — das afirmações espiritualistas, quasi a dar razão aos crentes no imortalismo.

Ora, de todo este movimento, de toda esta crise do pensamento moderno, vulnerando as filosofias e as religiões e alargando o campo das ciencias, dá conta na sua prosa elegante e facil este livro de que vimos tratando, que seria um serviço de bem real alcance para a orientação do pensamento portuguez, se a indisciplina mental e a criminosa indiferença indigena consentissem em abrir um parentesis de atenção para merecidamente o lerem e o meditarem.

Do " *Diario de Noticias* ", (25 de Outubro de 1912)

Editado pela Livraria Classica de A. M. Teixeira, foi agora publicado um volume com o titulo *A Psicologia Experimental*, devido á pena dum novo escritor, o sr. João Antunes. E' o livro dum pensador, traçado numa fórma muito elegante e por vezes mesmo eloquente, em que o autor, por uma documentação rigorosa e seguida, chega á conclusão de que a derrocada materialista do seculo XVIII foi apenas um episodio na historia da flosofia espiritualista. O renascimento que se lhe seguiu resultou por isso mesmo mais forte e mais pujante. Para ele a alma consciente e livre não é uma visão de organizações nevroticas, mas sim o testemunho unanime e intenso da consciencia, das religiões e da sciencia. A analyse do Universo, afirmando a existencia duma força cosmica e impulsiva, que o agita e firma e o estudo do homem na sua vida vegetativa, sensitiva e intellectiva, demonstram que além do cerebro que lhe vibra o pensamento ha a alma que o torna consciente e forte do seu predominio psiquico.

E' este o tema d'*A Psicologia Experimental*, tema que o seu autor desenvolve com intenso brilho, escrevendo um livro cheio de crenças, o que decerto está succedendo nos ramos mais variados da literatura, onde se acentua um forte movimento de reacção contra o scepticismo em todos os campos, que cada dia se ia mostrando mais dominador e generalizado.



JOÃO ANTUNES

A Psychologia Experimental

(Notas de propedeutica filosófica)

Esta obra muito interessante, é o primeiro volume d'uma erudita coleção, tendente á propaganda entre nós, da Psychologia Experimental.

A exiguidade do espaço que podemos dispôr, não nos permite fazer uma analyse circunstanciada.

O objectivo do autor na presente obra, é mostrar-nos que a alma humana existe, e que, a Psychologia não é uma coisa vã e ôca.

Ainda que diverjamos de varias afirmações e definições expostas, que certamente nas futuras obras annunciadas, serão analisadas mais calma e prudentemente, recomendamos a sua leitura e fazemos votos para que esta iniciativa seja coroada do maior successo e que outros lhe sigam o exemplo.

HELIOS.



A SEGUIR:

O Hipnotismo e a Sugestão

(A hipnologia transcendental)

O terceiro volume da Coleção: *Psicologia Experimental* versará o interessantíssimo assunto do transcendentalismo operatorio.

Os fenomenos constatados scientificamente por Lapponi, Cezare Lombroso, Myers, Henri Durville, De Rochas, Gerard Encausse, Fabius de Champville e outras sumidades intellectuais lançam uma intensa luz sobre o problema do oculto. Tratará pois a 2.^a parte do *Hipnotismo e a Sugestão*, independente em absoluto ao actual volume, dos estudos constatados de recentissimos autores a proposito da acção a distancia, da exteriorização da motricidade e da sensibilidade, da transmissão do pensamento e transferencia de sensações, das premonições e lucidês, da polarização e despolarizações psiquicas, do desdobraimento de personalidade, etc.

O terceiro volume será, pois, uma sintese de interessantissimos estudos, em harmonia com as hodiernas teorias hipnologicas.

O EDITOR.





RÓ
MU
LO



1329679772

INTEIRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

A formação do estilo pela assimilação dos autores, por A. Albalat, traducção do Dr. Candido de Figueiredo. 1 vol.	700
A logica das provas em materia criminal, por F. Malatesta, com um prefacio do Prof. Emilio Brusa, traducção do Dr. J. Alves de Sá. 2 vol.	2\$500
Alimentação de gado, pelo Dr. O. Kellner, traducção de Ruy F. Mayer. 1 vol.	400
Catecismo technico do fogueiro e do conductor de maquinas, livro synthetico e pratico, indispensavel ás classes civil e naval. 1 vol. cart.	500
Cidade do vicio. Contos por Fialho d'Almeida. Nova edição comprehendendo <i>Madona do Campo Santo</i> , uma das obras primas do glorioso auctor. 1 vol. . . .	600
Contos, por Fialho d'Almeida. 2. ^a edição. 1 vol. . . .	600
Cultura das plantas em vasos, por M. A. Petit, traducção de Ruy F. Mayer. 1 vol.	300
Curso elementar de canto coral. <i>Cadernetas para aprender a ler e escrever os elementos de notação Musical</i> . 1. ^o , 2. ^o e 3. ^o caderno, a.	100
Estudos da lingua portugueza. <i>Subsidios para a syntaxe historica e popular</i> . 2. ^o vol. comprehendendo o Fragmento de um estudo sôbre a linguagem de Camilo. 1 vol. (no prelo).	700
Misticismo moderno, por Francis Grierson, versão do inglês por Manoel de Macedo, 1 vol.	600
O Esperanto tal qual se fala, por Acacio Lobo, 1. vol.	300
O Evangelho e a Sociologia, pelo Dr. J. Grasset, traducção prefaciada por Agostinho Coutinho. 1 vol. . . .	200
O Hespanhol tal qual se fala. 1 vol.	300
O livro da esposa, por Paulo Combes. 1 vol.	500
O Reposteiro verde. Comedia em 4 actos. por Julio Dantas. 1 vol.	500
Psychologia Experimental, por João Antunes. 1 vol. . . .	300